

# A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO III

Rio de Janeiro, 10 de Abril de 1916

Nº 31

Grupo mantenedor: Brazilio Taborda, Maciel da Costa, Parga Rodrigues, (redactores); B. Klinger, Lima e Silva, Pompeu Cavalcanti, Leitão de Carvalho, Souza Reis, Paula Cidade, Euclides Figueiredo, J. Franco Ferreira, Luiz Lobo, Freire Jucá, Mario Travassos, Amaro Villa Nova.

## SUMMARIO

### EDITORIAL

Insania ou covardia

### PARTE JORNALISTICA

A verdadeira attitude.....  
Raid Hippico Militar.....  
Engajabilidade.....  
Pela instrucção.....  
Organisação regional.....  
Hindenburgo.....  
O equipamento "Mall".....  
Organisação dos arsenaes e fabr-  
icas militares.....  
Considerações artilheiristicas.....  
Avaliação de distancias.....  
Questões á margem.....  
Subsídio para o anno de instrucção  
Fuzil Mauser M. 1908.....  
O cavalo de guerra .....

Redacção  
1º Tte E. de O. Figueiredo  
1º Tte B. Klinger  
2º Tte Silvino Campos  
1º Tte F. Paula Cidade  
Traducção  
2º Tte Mario Travassos  
1º Tte F. de Vasconcellos  
Traducção  
1º Tte Barbosa Monteiro  
1º Tte B. Klinger  
2º Tte Mario Travassos  
Cap. L. M. P. de Andrade  
Traducção

### NOTICIARIO

Destruções a explosivo — Para as victimas do Contestado  
— Publicações do Ministerio da Guerra — Publicações  
recebidas — Expediente

# A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BRAZILIO TABORDA, MACIEL DA COSTA e EUCLYDES FIGUEIREDO

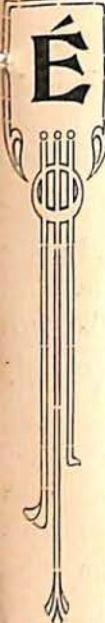
N.º 31

Rio de Janeiro, 10 de Abril de 1916

Anno III

## EDITORIAL

Insania ou covardia.



QUASI inacreditavel que homens de responsabilidade social possam conceber esta incommensuravel idéa da requisição, por parte do Brazil, dos navios allemães refugiados em nossos portos.

Nessa campanha não se sabe o que é mais de admirar: se a ausencia de bom senso aliada á mais crassa ignorancia da situação brasileira, ou se a falta de ceremonia com que os pregoeiros da paz universal e defensores de todas as liberdades (?) aconselham a prática de uma acção deshonesta e impatriotica como sendo obra meritória.

Deste modo o que fica parecendo é que as doutrinas ultra-civilisadas de alguns dos nossos cultores do direito estabelecem ser muito natural e honesto lançar mão de coisas alheias, desde que o dono esteja, pelo menos no momento, impossibilitado de as defender.

Essas doutrinas pôdem ser muito bôas e lucrativas como moral de milhares, porém, alem de serem extremamente perigosas, não são decentes para uma nação que se preze.

Se o governo do Brazil entabolasse negociações de que resultasse a cessão temporaria ou definitiva de taes navios por

parte das companhias proprietarias, que naturalmente nada poderiam fazer sem o consentimento do governo allemão, não haveria coisa mais licita, e até certo ponto mais logica, em face da existencia de um grande capital paulista em mãos do governo de Berlim.

Dahi, porém, a uma *requisição*, vae um abysmo.

Para argumentar de um ponto de vista elevado, supponhamos que o Brazil seja uma nação capaz de enfrentar com vantagem a Allemanha e até mesmo o mundo inteiro... ou, melhor ainda, troquemos os papeis: o Brazil está lá, gigantesco e herculeo, com um pé na França e outro na Polonia, numa refrega titanica, bloqueado, quasi isolado do mundo por um rôr de nações e um turbilhão de soldados, e a Allemanha está aqui, entre o Chuy e o Oyapoc, em plena paz de espirito, a espreguiçar a indolencia de suas praias sob as verdes e voluptuosas ondas da banda occidental do Atlântico.

Os brasileiros nessa lucta de vida ou de morte, numa ancia suprema de respirar e de viver, fazem um esforço quasi sobrehumano para desvencilhar a nação da immensa serpente que lhe constringe a trachéa e lhe devora os filhos. Como é natural em taes circumstancias, vão lançando mão dos recursos que encontram em seu territorio e nos territorios conquistados, e que lhes pôdem ser uteis á conservação da vida.

No meio desses recursos está um grande *stock* de café allemão, do qual o

governo brazileiro se apodera por lhe ser necessario, mas o faz com toda a lheza commercial cabivel na hora de sacrificio que atravessa.

Alem disso, a nação proprietaria do café é em tempos normaes grandemente servida pela industria brazileira e pelo povo brazileiro, que com sua actividade tem sido factor importante da rapida e real prosperidade com que floresce a zona sul do paiz onde ella habita.

Era pois de esperar o que se deu. O proprietario do café viu na requisição do seu producto um alto negocio, embora sabendo que o pagamento seria demorado em vista da situação anormal. O credito do comprador, a eliminação dos riscos de deterioração do grande *stock* e a supressão das custas de armazenagem constituiam garantia e vantagens ponderosas que foram recebidas com especial agrado.

Os navios brazileiros que em profusão sulcavam os mares em demanda do commercio mundial e estabeleciam uma vasta rede de circulação de vida, tendo Berlim por centro de propulsão, esses navios, essas arterias da organisação industrial e commercial da nação, foram em parte destruidos ou capturados pelo inimigo, estando o remanescente da bella frota de outróra reduzido á inactividade no refugio dos portos neutros.

No fim da guerra, vencedora ou vencida militarmente, mas fatalmente derrotada sob o ponto de vista economico, o que tambem acontecerá aos outros contendores, a nação terá de tratar do seu restabelecimento economico e esses navios que lhe restam serão talvez o melhor elemento com que possa contar para que a convalescência se opere sem demasiada lentidão. Elles representam, portanto, um thesouro precioso que a nação necessita manter com carinho ao abrigo dos riscos de desapparecimento.

Dadas as condições actuaes de estarem todos os caminhos maritimos em poder do inimigo, a cessão, mesmo tempora-

ria, desses navios a nações neutras seria duplamente perigosa para o Brazil, não só porque elles representariam um enorme auxilio á industria e ao commercio inimigos, como tambem pelos riscos de naufragio hoje tão augmentados pelas eventualidades da guerra.

Poder-se-ia allegar neste caso a indemnisação por parte da nação neutra ocupante, mas o dinheiro dessa indemnisação só muito tempo depois de estar terminada a guerra poderia ser transformado em outro navio e teria assim deixado de auxiliar efficazmente, na época mais necessaria, o restabelecimento economico da nação.

Por outro lado a Allemanha (é preciso ter sempre presente a hypothese da troca de papeis) não parece ter nenhuma necessidade de navios, mesmo para a sua cabotagem, pois seu governo tem ultimamente permittido a venda para o estrangeiro de navios que, por suas dimensões e calado, melhor que os transatlanticos brazileiros se prestavam á navegação entre os seus portos.

Posta a questão nestes termos, que direito nós brazileiros reconheceríamos na Allemanha de requisitar navios nossos abrigados em seus portos, para com elles ir directa ou indirectamente commercial com nossos inimigos, compromettendo ainda mais a nossa existencia e ameaçando destruição elementos que nos serão de grande utilidade a qualquer momento?

Naturalmente não lhe reconheceríamos direito algum a respeito e a considerariamos desde logo como inimiga, não só pelos graves prejuizos que do seu acto nos poderiam advir, como tambem pelo desacato á nossa soberania.

Desfazendo agora a troca de papeis, podemos abordar a questão por outro lado e analysar de outro ponto de vista alguns detalhes que nos parecem importantes.

Estará o Brazil em relação aos belligerantes nas mesmas condições que Portugal quando se apossou dos navios allemaes

Absolutamente não.

Nós não temos tratado de aliança com nenhuma das nações em guerra, e, á excepção de Portugal a quem estamos ligados por laços de parentesco, todas ellas nos são igualmente amigas.

A consideração da existencia de fronteiras luso-allemãs nas possessões da Africa, aggravada por incursões armadas e consequentes luctas entre tropas coloniaes das duas nações, representou por certo um factor importante na bôa disposição com que Portugal sempre se achou de cumprir os seus deveres de aliado da Inglaterra.

A situação do Brazil não tem pois nenhuma semelhança com a de Portugal e se, mergulhando no passado, quizermos pescar alguma analogia, encontraremos, ainda quasi á flor d'agua, as incursões no Amapá por tropas coloniaes francezas e o regio presente da Magestade italiana á Magestade ingleza trazendo os limites da Guyana para o Cotingo, na Roraima, limites que a Inglaterra um dia quiz baixar até a ilha da Trindade, no Atlântico, talvez com o intuito muito *altruístico* de transformar essa gaivota petrificada e abandonada á solidão do oceano em atalaia britanica, para vigiar e defender a America do Sul contra as aggressões imperialistas dos *barbaros* teutões.

As relações financeiras que o Brazil mantem com casas bancarias inglezas ou francezas, só nos pôdem obrigar á pontualidade nos pagamentos de juros e amortizações convencionados, como de resto é natural em todas as relações desse genero, que assumem assim um caracter commercial e não o de um favor especial de protector para protegido. A propria moratoria nessas operações é uma disposição que visa acautelar os interesses de ambas as partes, porque é sempre vantajoso ao credor honesto que a situação do devedor não se torne insolvel. Ao devedor é mais digno tratar da satisfação de seus compromissos do que andar pedinchando complacencia com louvaminhas chinezas

e votos de abdicação de pudor. E isto que ao devedor é mais digno é justamente o mais util ao credor bem intencionado.

Quanto a Portugal, além de sermos o seu melhor mercado, somos parentes e amigos, como prova a larga hospitalidade que gosam os portuguezes em nossa terra, mas isto de maneira nenhuma nos obriga a entrar no arrastão da guerra que infelizmente o apanhou.

E se não houvesse outro argumento honesto contra a requisição, restaria ainda a consideração de que esses navios só se vieram abrigar em nossos portos fiados na neutralidade garantida pela palavra oficial brazileira.

Afóra esta consideração, desafiar a ini-misade da Allemanha vitoriosa, ou temporariamente vencida, **seria uma insania**, e praticar esse acto por suppol-a derrotada, esphacelada e extinta, além de ser estupido **seria uma covardia**.

## A verdadeira attitude

Com o fracasso da chamada revolta dos sargentos e a exclusão em massa de grande numero de inferiores envolvidos nesse movimento, não cessaram entretanto as apprehensões do governo, justamente alarmado com certos factos que, em um paiz organizado, seriam taxados simplesmente de phantasticos.

Os "casos" de revolução já entraram incontestavelmente em nossos habitos e constituem uma fonte de renda inexgotável para o jornalismo sensacional e *político*.

Não ha governo da Republica que se não tenha visto a braços com um movimento de rebellião mais ou menos grave e cujo malogro definitivo depende da energia e criterio com que agem no momento as autoridades.

Movidas a principio em nome de ideaes politicos, foram essas agitações degenerando pouco a pouco em desorganisadas mashorcas, até que declinaram, por fim, em aventuras de individuos inteiramente despidos de orientação e de escrupulos.

Contando com *habeas-corpus* e immunidades e com a benevolencia da opinião publica, aos olhos da qual se fazem passar como victimas da prepotencia dos governos, esses incansaveis agitadores não se sentem jamais desmoralizados e vão, ao contrario, abrindo larga brecha no prestigio da autoridade.

E, cousa interessante, são quasi sempre os mesmos nomes que vêm á tona, os mesmos individuos que já se fizeram populares junto aos operarios "cujos interesses advogam", que se

tornaram assumpto obrigado dos jornais, em cujas paginas ostentam cheios de importancia, os indefectiveis retratos e se inculcam ora como moralisadores das instituicoes republicanas, ora como instituidores de uma nova forma de governo.

De sua acção junto ao Exercito é um attes-  
tado flagrante essa tentativa de revolta de alguns sargentos desleaes.

Repellidos pela officialidade ainda quando lhes era possivel mystificar as intenções im-  
patrioticas, eis-los em pontos escusos a principio e depois abertamente pelas folhas sem imputa-  
bilidade, a alliciar a soldadesca, aconselhando a desobediecia e o desrespeito e acenando-  
lhe com proventos materiaes em caso de suc-  
cesso.

Infelizmente se, — é para notar, — não foram elles junto aos nossos soldados mais felizes do que junto aos officiaes, o mesmo não aconteceu em relação a alguns elementos pouco esclarecidos para comprehenderm a situação, mas sufficientemente gananciosos para repellirem o suborno sob a forma de um engodo de lei.

O projecto sobre os "sub-officiaes" apresentado na ultima legislatura seria uma insensatez se não contivesse em seu bojo uma vilania.

Fracassou, como era de esperar, a revolta dos sargentos, mas a impunidade protectora e as homenagens a uma opiniao publica (?) sempre piégas e mal orientada, continuam a ameaçar o prestigio da autoridade.

\*\*\*

Commentando esses factos, não nos preocu-  
pamos em atacar as pessoas nelles envolvidas.  
Dellas não cogitamos.

E' incontestavel que a má educação do povo cada vez mais aggravada, é a causa primordial desses acontecimentos, não se podendo por esse lado incriminar os officiaes que recebem por pouco tempo elementos por demais viciados para que consigam exercer sobre elles uma acção effi-  
cacia de educadores e de instructores.

E quando se considera que, além das criminosa amnistias, a expulsão das fileiras do Exercito é letra morta que não impede a volta ás casernas dos individuos já expulsos do proprio Exercito ou repellidos pelas demais corporações militares, fica-se a pensar porque se não repetem amiudadas vezes esses levantes de facinoras.

Ha, porém, uma circunstancia que nos des-  
pera a attenção e vibra como uma nota sadia no meio do desconcerto moral.

Em quanto, novamente empreitados aos seus exploradores, os sargentos rebeldes levam uma vida rocambolesca, obrigada a senhas e contra-  
senhas e a reuniões secretas em locaes preparados pelo visconde du Terrail, a vida nos corpos se escôa alheia dos perigos, entregues officiaes e praças aos seus deveres militares.

E', porém, com especialidade nos corpos em que a officialidade é mais homogenea e devotada e cujos commandantes se têm revelado energicos e resolutos que os motins e levantes menos são de temer.

Esta circunstancia parece estar indicando aos nossos chefes e camaradas qual a verdadeira attitude a assumir.

## Raid Hippico Militar

As provas hippicas vão, não sem grande custo, entrando nos nossos ha-  
bitos.

Ha já dois annos que o nosso Estado Maior expede instruções para a realiza-  
ção do raid hippico annual, instituido por um grupo de officiaes da guarnição de S. Christovão em 1907. E o interesse que se vae tomando por essas cousas nos regimentos, parece corresponder á attenção que as autoridades militares lhes têm dis-  
pensado.

A porporção, porém, que vae cres-  
cendo o entusiasmo pela parte sportiva desses exercicios, vão as instruções res-  
pectivas dando-lhes um caracter mais ta-  
ctico, afastando-os de anno para anno do ponto de vista hippico em que deveriam ficar.

A principio o thema tactico servia tão sómente para justificar o exercicio eques-  
tre — hoje elle é a sua essencia. Exige-se que n'uma prova de resistencia de caval-  
laria o percurso não exceda de 70 kilo-  
metros (!), o que corresponde a tres ou quatro horas na sella, para se estabelecer como condição de victoria a bôa resolução tactica dada a um caso supposto e uma bella sabbatina escripta sobre um thema de arte militar, apresentada algumas horas após o exercicio. Transforma-se assim em um concurso theorico um certamen pro-  
prio para desenvolver entre os officiaes montados o gosto pela arte hippica, pro-  
porcionando-lhes occasião de lidarem com seus cavallos, arreios e equipamento, numa prova de resistencia em que o vigor do homem, o treinamento e aproveitamento das forças do animal, bem como as qua-  
lidades do material utilizado, devem ser os principaes elementos do exito. E nem em compensação se pôde dizer que sob o ponto de vista tactico o exercicio é per-  
feito.

Ficamos sem a prova de resistencia para os officiaes montados e não temos um verda.leiro concurso de patrulhas de cavallaria. E' isso que se infere da leitura das "bases geraes para a organização do Raid Hippico Militar que se deve realizar annualmente nas V e VII regiões militares", publicadas no Boletim do Exercito de 10 de Março ultimo.

Já este caracter de exercicio tactico

de cavallaria dado ao *raid* hippico motivou no anno passado o afastamento dos officiaes de artilharia, seus principaes instituidores. Elles lançaram a idéa e organizaram uma prova sportiva de caracter festivo para officiaes montados (cavalleiros e artilheiros), e viram-n'a com os annos tomar uma feição que arredava a concurrence da artilharia. Crearam uma prova para os officiaes das duas armas e foram depois excluidos della.

Não se conclúa dahi, porém, que combatemos a organização de provas tacticas para os officiaes de cavallaria. Não; precisamos de uma e outra cousa, mas devemos dar a cada uma dellas o seu verdadeiro nome. E não se deve chamar *raid* a um exercicio de *quadros de cavallaria* em que ha a percorrer no maximo pouco mais de dez leguas e meia. Porque assim daremos aos officiaes novos noções erradas da significação dos exercicios militares, e não conseguiremos aproveitar convenientemente o esforço de cada um.

E' preciso que continuemos com a realização annual dos *raids* hippicos, tal como foram introduzidos entre nós, levadas em conta naturalmente as alterações aconselhadas pela experiença, e, por outro lado, organisemos exercicios diversos de caracter tactico, realizande-os algumas vezes no anno antes das manobras.

Nos primeiros os officiaes montados terão oportunidade de pôr á prova o seu sentimento de cavalleiros, utilisando as forças dos seus cavallos com a economia que a pratica lhes aconselhar; e nos outros, destinados especialmente aos officiaes de cavallaria, exigir-se-á a applicação dos conhecimentos theoricos, com a solução de problemas sobre o serviço da arma. Um é certamen hippico de inscripção voluntaria, e outro um exercicio obrigatorio para os officiaes de cavallaria. Prejudicar um delles em favor do outro é errado. Ao contrario, a instrucção dos officiaes tem a lucrar com o desenvolvimento paralelo das exigencias a fazer nos dois generos de exercicios.

Não se venha agora argumentar que o *raid* hippico assim organisado acarreta perigo de se transformar em *corrida á morte*. Instruções precisas e inscripções dependentes do juizo dos commandantes sobre as condições de treinamento dos animaes, e, por outro lado, a responsabilidade levada a effeito quando houver im-

pericia por parte de um concurrente, bastam para refrear os abusos. Não deve ser suficiente que o official queira tomar parte no certamen; será preciso que seu commandante diga si seu cavallo está em condições, o que forçará cada um a cuidadoso treinamento de seu animal. Tambem em caso de desastre a responsabilidade deve ser apurada, cada official respondendo pela vida de sua montada.

O *raid*, como exercicio, tem a vantagem de fazer os officiaes conhecerem até onde é possivel levar suas exigencias, de onde decorre o aprendizado dos recursos de treinamento, economia das forças dos animaes, cuidados a ter nas marchas, precauções nos repousos, escolha de alimentação, etc.

Mesmo no que diz respeito á preparação individual do concurrente, ha muita cousa a se aprender com estas provas de resistencia. E si se põe de lado a mais importante exigencia sob este ponto de vista—um percurso longo e accidentado—o exercicio perde como prova hippica todo o valor. Porque é justamente para as marchas longas com transposição de obstaculos sérios, que se faz necessario uma preparação cuidadosa, e, na execução da prova, um aproveitamento criterioso das forças do animal.

Por outro lado, todo o official montado, principalmente os de cavallaria, tem necessidade, para o cabal desempenho de sua missão na guerra, de experimentar constantemente a sua resistencia physica em marchas longas a cavallo. Especialmente os officiaes subalternos precisam se preparar com este fim.

Outro ensinamento destas provas hippicas é o que diz respeito ás condições das nossas estradas e os recursos que elles offerecem. Quanto mais longa, pois, for a marcha, mais proveitoso será o exercicio sob este ponto de vista.

Assim, ao contrario da tendencia actual, seria mais logico e mais util que os *raids* hippicos, tomando a sua feição antiga, tivessem para thema principal *marchas longas e forçadas a cavallo*. Ao envez de reduzil-os a algumas horas de marcha, devia-se estendel-os a varios dias.

E deixemos as questões controvertidas da arte militar para outro genero de exercicios.

1º Tte de Cav. *Euclides de O. Figueiredo*

## Engajabilidade

Ainda bem que se vai estabelecendo no espirito dos patriotas, civis e militares, apesar da impatriotica campanha de oposição, a clareza sobre o claro principio do serviço militar obrigatorio e, portanto, sobre seus corolarios.

Tudo está em querer saber a razão da existencia do exercito permanente. Melhor se comprehende que alguém negue convencidamente essa razão de ser, do que se explica, sem obscuridades, o admittil-a de par com outros criterios, tolerancias e excepções que directamente fere a essencia daquelle principio e prejudicam a função do exercito.

Nesse terreno, estabelecido o accordo sobre a base, — a necessidade de preparar na população um reservatorio de homens capazes de participar efficazmente na defesa nacional — não ha mais lugar para dois criterios diferentes sobre as suas multiplas e correlatas consequencias. Assim se explica a unidade de vistos que se vai formando.

Ainda bem, repito, que já não se vêem os commandantes de unidades a quererem conservar eternamente os mesmos individuos em seus corpos, para se pouparem ao constante trabalho obscuro de sua preparação diaria, ficando pois com o seu tempo para jogar gamão, criar gallinhas, emfim, ficar em ociosidade — que é uma deshonestidade passiva.

Ainda bem, retórno, que desapparecem os vadios espertos que, em "clarividente" defesa de seu rico *farnientismo*, se oppõem por quaquer meios á accão dos que querem trabalhar, emfim, diminuem os réos de deshonestidade activa.

Infelizmente, porém, ainda existe quem se arreceie de vêr os alojamentos de suas unidades relativamente desertos com a exclusão de cerca da metade do pessoal em epocha certa, para dar lugar aos novos; quem não comprehenda que isso é uma necessidade do paiz, que se lhe restituam braços já adestrados no meneio das armas para que voltem a cooperar fóra da caserna no engrandecimento nacional, vindo em troca outros, patricios mais jovens, inexpertos, para receberem o mesmo adestramento; quem não veja que sem isso não pôde haver estimulo para os instructores, a recomeçarem cada anno o ensino das mesmas coisas aos mesmos homens, sem temer no fim do curso da instrucção a humilde e gloriosa recompensa que consiste na indizivel satisfação de haver contribuido para alimentar o reservatorio nacional da defesa patria.

Só a existencia de vultuosos abencerragens dessa categoria é que explica a vigente engajabilidade de conductores de artilharia, de artifícies civis e de seus inumeraveis néo-assimilados, que são os apontadores de artilharia, os atiradores de classe, e toda sorte de especialistas militares, segundo a interpretação ampliativa de um recente aviso ministerial.

Só á solicitação de representantes dessa categoria é que se pôde attribuir semelhante doutrina oficial sobre engajabilidade, absolutamente incompativel com os patrioticos e assaz apergoados propositos de se effectuar emfim o serviço militar obrigatorio.

"Inumeraveis" porque, sabendo-se que na vida militar mais que na civil, tudo dança con-

forme a musica, não se engajará quem mesmo o criterio dos commandantes não deixar: nada mais facil que transferir, dias antes da conclusão do tempo de serviço, qualquer artilheiro, que nunca viu cavallo, para a classe de conductor, ou fazel-o declarar que é alfaiate, pedreiro, vidraceiro, ou fazer constar que é apontador, etc...

Essa engajabilidade ampla e elastica é, com certeza, uma simples capitulação ou transigencia de momento, talvez para facilitar o primeiro ensaio de realização de um sorteio militar.

A engajabilidade dos conductores, por exemplo, não pôde subsistir; primeiro, porque não ha entre a população civil carroceiros em numero sufficiente para a condução das viaturas do exercito em campanha; segundo, porque um carroceiro paisano ainda não é um conductor de artilharia. O papel deste não se limita ao de um simples orgão de tracção.

A engajabilidade dos néo-artifícies, dessa nem se fale. A impressão que a nova doutrina causou aqui pela despresada *provincia* foi a de uma profunda e dolorosissima decepção geral.

Por minha parte, querendo apezar de tudo nunca perder a esperança, cheguei a imaginar quivesse havido engano na transmissão da infastidiosa noticia. E á força de imaginar e de considerar as circunstancias de tempo, os precedentes que parecem revelar uma desusada continuidade de orientação, os projectos sempre de novo anunciamados, cheguei a sonhar que o aviso em questão tivesse sido publicado outra vez. E desta vez correcto, com a simples nota: "Reproduz-se por ter sido publicado com incorrecções."

Eis o têor do aviso sonho:

"Sr. chefe do departamento do pessoal de guerra. — A lei n. 3.080 de 5 de Janeiro do corrente anno estabelecendo condições para o engajamento de praças, permite em todos os casos de artifícies; ora sob essa denominação não se deve entender os que professam artes civis como pedreiros, etc., mas exclusivamente os designados nos quadros da organisação das unidades, nem tambem os que adquirem conhecimentos especiaes de ordem militar. As razões evidentes da excepção em favor dos artifícies militares são 1º, que seu preparo não é da função do exercito, portanto não lhe incumbe crear uma reserva respectiva; 2º, que é insignificante o numero de artifícies necessarios á vida dos corpos; 3º, que não ha dificuldade em obtel-los de improviso entre a população civil, mormente pela circunstancia precedente.

Essas mesmas razões não militam em favor das praças que se dedicam a serviços especiaes como apontadores de artilharia, atiradores de classe, chauffeurs e cyclistas, especialistas de batalhões de engenharia e corpos de trem, etc.

Com efeito, 1º é função exclusiva do exercito preparar esses especialistas que não se encontram entre a população civil, portanto, essencial a formação de uma reserva respectiva que exclui a engajabilidade; 2º, a dificuldade de seu preparo e a falta essencial que fazem vida dos corpos impõem como dictame de eleger previdencia — e organisação militar é previdencia para a defesa da Patria — a insophavel exclusão desses especialistas ao cabo do tempo minimo indispensavel ao seu preparo.

## PELA INSTRUÇÃO

Embora ainda em alternativas de avanço e recuo a lei do sorteio, algumas das disposições que lhe são complementares estão em plena vigencia.

Dentre elles uma das mais importantes é a do tempo que o cidadão, voluntário ou sorteado, permanece no serviço arregimentado.

Terminado esse tempo, o cidadão volverá ao seio civil adestrado no manejo das armas, e a nação contará então mais um soldado instruido no grande e inoneroso exercito de cidadãos.

Chegamos agora ao ponto em redor do qual gravitam as nossas ponderações.

Ora, esse tempo é hoje na maioria dos exercitos modernos de 2 a 3 annos; é já um *minimum*, apenas o sufficiente ao conscripto para a aprendisagem do seu papel em campanha, quando a instrução lhe for ministrada intensiva e ininterruptamente, isto é, quando não mais concorrem as facilidades, que todos conhecemos, por parte desde os mais altos chefes até os subalternos que estão em contacto mais directo com as praças, de subtrahirem-nas à instrução.

Dentre taes facilidades, são muito communs as de serem empregadas praças sem nenhuma instrução militar ou com escassissima frequencia aos exercicios.

Quando se precisa de uma praça para empregar no rancho, na ferraria, nas carroças, etc., cogita-se do estado de instrução dessa praça? Procura-se saber qual a sua frequencia á instrução? Absolutamente não! Entretanto, sabido que o tempo de arregimentado do conscripto é já um *minimum*, é de pasmar um tal falseamento no que de mais importante decorre do principio da nação armada — o Exercito como escola.

Elle é uma escola onerosa que a Nação não mantém por luxo, mas para garantia de sua segurança ou de sua vida; é a forja de sua defesa, é a uzina que fabrica o reservista, isto é, que torna o povo apto a defender a Pátria.

Quanto mais perfeita e rapidamente fôr o cidadão trabalhado nessa uzina, tanto mais lucrará a nação, tanto menor será o *onus* e de tanto mais tranquillidade gosarão as instituições e as forças economicas nacionaes.

Uma outra dessas facilidades, que felizmente já vem diminuindo de vulto, é a da ocupação de praças em serviços particulares: serviços effectivos em casa de officiaes, mezes e até annos, sem intervallo para a instrução.

Esse facto, essa esfoladura na instrução, pela gravidade que encerra, não será certamente commettida conscientemente; será tambem producto de irreflexão, que irá tendendo para o desapparecimento com o martellar daquelles que não são victimas desse erro.

As consequencias desses factos que ahi ficam apontados, valem bem o sacrificio de nos atirarmos á investigação de meios conducentes a eliminá-los.

Assim o fizemos. O resultado desse trabalho foi termos chegado ao processo de que tratamos a seguir:

Actualmente, já existe nas baterias um livro para a averbação da instrução diaria.

Mais um pequeno retoque e, parecemos, eis um remedio efficassissimo.

Determine o regulamento interno que os instructores lancem nesse livro, apôs cada instrução, os numeros das praças que a ella compareceram e que as unidades organisem para cada bateria, esquadão ou companhia um mappa de instrução mensal.

Nos dias em que não houver instrução, esse livro irá para a secretaria afim de se carregarem os mappas.

Esses mappas, em qualquer occasião, nos interirão do estado da instrução de qualquer praça e nos armarão de um criterio judicioso quando quizermos designar uma praça para qualquer emprego. Se acontecer B faltar á instrução durante um certo tempo, isto será accusado immediatamente ao projectarmos o olhar sobre o mappa, pois o espaço em branco nos chamará a attenção. Deste modo não haverá perda de tempo nesse exame, que poderá ser feito a miudo pelo fiscal da unidade.

E se mesmo assim não se matar a ferida, ficará ella ao menos sangrando não só ao nosso espirito como tambem aos nossos olhos, nos archivos militares...

E não constituirá tal artificio, para o inspector, um meio seguro pelo qual possa julgar do estado da instrução na unidade que inspeciona?

Eis aqui um modelo do mappa a que nos referimos:

## 2º GRUPO — 4º Bateria

1º Regimento de Artilharia Montada  
Mappa do 1º Período de instrucção.

de 1916.

GRADUAÇÃO	NOMES	Números	Escola de			Escola de	Somma	Escola de	Somma	Escola de	Somma	TOTAL	Somma do mes anterior	SOMMA GERAL	Observações
			Escola de	Escola de	Escola de										
Cabo art.....	A....	95	4, 6, 8, 10, 15, 19, 23, 28.	—	—	9, 11, 12, 15, 17, 21, 28, 30, 31.	3, 6, 9, 19, 18, 23, 26, 27, 31.	3, 5, 11, 15, 17, 21, 28, 31.	8	34	23	57			
Soldado art.....	B...	102	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Empregado na divisão de cavalaria.
Soldado art.....	C...	108	6, 7, 8, 9, 10, 15, 20, 23, 25.	9	—	3, 5, 7, 8, 9, 17, 18, 20, 25, 27, 30.	6, 9, 16, 12, 17, 19, 22, 25, 31.	3, 11, 17, 31.	4	30	18	48			
Soldado conductor	D...	150	—	—	—	3, 5, 7, 8, 9, 18, 21, 22, 27, 30, 31.	6, 7, 8, 11, 12, 17, 19, 25, 27, 31.	3, 5, 7, 9, 16, 17, 18, 25, 31.	9	15, 17, 21, 25, 27, 31.	6	36	24	60	

2º tenente *Sylvino Campos.*

## Organização regional

O accordo entre a organisação política e a organisação militar apresenta a vantagem de dar ás grandes unidades uma certa autonomia, como si cada uma formasse o exercito particular de um pequeno paiz.

E' a organisação natural de um grande estado que em razão de sua extensão não pôde ser administrado e dirigido por uma autoridade central.

(*A Nação Armada* — Von der Goltz.)

A organisação do Exercito sob moldes regionaes deve ser uma das cogitações honestas do moderno espirito profissional.

Comprehende-se que uma medida dessa ordem encontre as conhecidas opposições, exactamente porque se trata de interesse da collectividade, com menospreso de certas vantagens pessoaes... Basta lembrar que tão radical mudança, feita sob bases honestas, não poderia ser fraudada desde logo.

A primeira consequencia seria o provimento effectivo das vagas existentes no corpo de officiaes por ahi afóra.

Do general ao soldado raso, ninguem poderia ser afastado de sua região salvo parte de doente e perda de todas as gratificações, — seria da lei — e o auctor de ordens illegaes de pagamento entraria de seu bolso com os abonos provenientes dessas ordens.

De uma região para outra só mediante transferencia em vaga aberta, quando muito.

Outra consequencia de inestimavel valor seria o recrutamento independente em cada região, ficando cada uma servida por elementos proprios.

Por outro lado, a passagem do pé de paz ao de guerra seria immensamente mais facil, por ser realisada por partes, embora simultaneamente.

As vantagens technicas dahi decorrentes não são parà que se despresem. O serviço continuado em certas regiões, principalmente quando ali se nasceu, forma os grandes conhecedores do *meio* que a guerra exige.

Guiados por argumentos desses, conclue-se que a organisação regional ahi está, como um desafio á nossa honestidade profissional.

Mas, si a organização regional é até uma consequencia da nossa forma de governo, os detalhes que entram como dados indispensaveis á solução do problema são os mais complexos.

Ainda assim, as maiores difficultades estão em nós mesmos.

Comprehendamos as necessidades do meio, elucidemos o factor historico e pouco a pouco havemos de chegar ao fim.

a) Em quantas regiões deveríamos dividir o Brazil?

b) Qual a força permanente em cada região?

c) Como recrutar grandes effectivos em regiões pouco povoadas?

d) Como fardar, equipar, armar e instruir convenientemente o conjunto do Exercito para o acto final da guerra?

e) Como evitar o aumento da burocracia?

f) Como realizar tantas e tantas outras cousas?

Eis o que vamos ver, partindo disso que o conhecimento verdadeiro do meio—e não o supposto conhecimento—pôde remover de modo sufficiente todas as difficultades.

Procurar removel-as de um modo definitivo e absoluto é o caminho deshonesto de quem não quer fazer nada e procura obstaculos irremovíveis.

Das regiões do extremo norte, vastas e despovoadas, abstendo-me de falar, porque não as conheço de perto e devo ser coerente commigo mesmo. Porém, não faltará por ahi quem o faça com o sufficiente conhecimento daquelle meio.

Aliás, parte importantissima é o extremo sul da Republica, que defronta com povos fortes e bem armados, seguindo-se a região central, onde vivem as populações densas de Minas, S. Paulo e Rio de Janeiro.

O Rio Grande do Sul, Santa Catharina e talvez o Paraná podem constituir uma só região. Apenas é necessario lançar os olhos para as estradas de ferro que já temos, ou precisamos ter.

A estrada de ferro de Porto Alegre a Uruguayana, que depois de um pequeno rodeio até a Volta do Barreto, pouco além da Margem de Taquary, vae quasi em linha recta á fronteira argentina, foi traçada numa época em que podíamos pensar em tomar a offensiva. A lição da historia era que argentinos e orientaes nos

atacavam simultaneamente; e foi a convicção de que com o auxilio dessa via-ferrea nos era possivel "evitar que a guerra se faça em nosso territorio e á nossa custa", como dizia então o general Osorio, que orientou o engenheiro Ewbank no traçado dessa estrada, que correspondia perfeitamente áquelle phase estrategica.

E desde o momento em que as pontas dos trilhos ultrapassavam o Cacequy, augmentavam as nossas facilidades de manobra em duas frentes, contra este ou contra aquele inimigo, nessa fronteira em esquadro.

Mas, hoje os diversos factores estão modificados.

Os nossos vizinhos parecem definitivamente separados depois da descoberta do segundo canal de Martin Garcia, que originou a celebre pendencia internacional do Prata, emquanto que, no caso desgraçado de uma guerra, a relativa rapidez da mobilisação argentina deve nos tirar a esperança de a fazermos fóra de nosso territorio, com batalhões patrioticos e quejandos.

Resta á E. F. Porto Alegre a Uruguayana a função importantissima de alimentar operações de grande vulto, pelo seu entroncamento com a S. Paulo Rio Grande, mas isto mesmo só pôde ser lembrado emquanto nossa "frente" não estiver aquem de Cacequy.

A partir desse momento, a região ficará entregue a si mesma, si não tivermos o dominio do mar ou outra via-ferrea que ligue o N.E. do Rio Grande (a região colonial já está ligada por esse meio a Porto Alegre) ao centro da Republica, passando por Santa Catharina.

Eis ahi, apoiado na S. Paulo Rio Grande, o ponto fraco da concepção divisionaria, cujo centro de gravidade está exclusivamente nos centros populosos de Minas e S. Paulo.

D'ahi a resolução: a região do extremo sul podia abranger os trez Estados mais meridionaes (questão de população), ligados entre si por vias ferreas cuja utilisação estivesse abrigada pelas grandes linhas de defesa que são o rio Jacuhy, a Lagôa dos Patos, o rio Guahyba, etc. Quanto ás populosas regiões centraes, o seu papel está mais ou menos definido numa guerra: escoar para o sul, pelas vias que encontrar mais francas.

Uma mobilisação methodica permittir-



lhes-ia encontrar francas as vias-ferreas  
até Porto Alegre.

Os elementos provenientes da região, ou que chegassem a se fixar nella, deviam ser incluidos nos corpos que ahi estacionassem, com o fim exclusivo de adeantar a passagem ao pé de guerra, pela chamada simultanea de diversas classes.

Os recrutados fóra da região seriam destinados a constituir os elementos secundários da mobilização, reservando os recursos locaes ao nucleo destinado aos primeiros embates.

A perfeição é um sonho e por isso, as mais das vezes, só se procura uma solução menos imperfeita.

As outras regiões, resguardadas já pelas distâncias, já pelas tropas de cobertura, não offereciam as mesmas dificuldades.

A instrução, o armamento e o equipamento da tropa correriam por conta da alta administração da Guerra, commun a todas as regiões, mas o resto ficaria a cargo da administração local, no mais rigoroso regimen das massas.

A honestidade e a deshonestidade são

ou devem ser as mesmas em todo o Brasil e, por consequencia, as cousas devem continuar a correr como até agora têm corrido.

A burocracia é, de facto, uma chaga e augmental-a seria realmente um desastre. Mas, a burocracia diminuiria consideravelmente no dia em que os nossos officiaes de todos os postos fossem iniciados na technica da profissão.

Quanto mais se estuda e practica, maiores campos se deparam á nossa actividade, mais a necessidade do aperfeiçoamento profissional se impõe e a repartição ou "cancha" vae perdendo os seus encantos.

No entanto, o caso devia ser previsto, permittindo-se apenas o alargamento dos estados-maiores regionaes, o que hoje já é uma necessidade.

E para esses estados-maiores, como para o estado-maior central, só deviam ser chamados não os eternos pedintes, mas os officiaes conhecedores do officio e... da tropa.

*Pedir directa ou indirectamente semelhantes logares, é confessar que se os não merece.*

Poderíamos assim esperar que tantas e tantas cousas honestas fossem feitas...

Mas, lá por dentro do Rio Grande do Sul ha muito que fazer, em virtude do regimen centralisador em que jazemos e que se iniciou antes de 1822.

Vamos ainda hoje arrastando penosamente o regimen imposto pela metropole portugueza ha mais de um seculo.

A inexistencia de uma ordem de batalha, ultrapassando de facto os limites das pequenas guarnições de batalhão, prova que realmente não somos destes tempos; o serviço de polícia ou guarnição, prevalecendo sobre os dispositivos destinados á guerra, tornados secundarios, corroboram esse modo de vêr.

Lançando os olhos para a carta militar do Rio Grande do Sul, vemo-nos em presença de uma distribuição feita ao acaso.

Aquillo não é distribuição de paz, nem de guerra; em ambos os casos faltam-lhe todos os requisitos.

Aquelles esqueleticos regimentos de cavallaria — sem cavallos, sem officiaes, sem armas e sem soldados — estão por lá como um mostruário de velharias, vestígios da antiga incumbencia de policiar as fronteiras, evitando, as incursões armadas.

Pannos de amostra do que ha por dentro, a serem vistos de fóra!...

Como conceber um regimento de artilharia isolado em S. Gabriel, apezar das recordações historicas e o perigo da reprodução agravada dos memoraveis incidentes de 1827? Essa unidade não estaria melhor em Santa Maria ou noutro ponto mais central, attribuindo-se a S. Gabriel tropas a cavallo?

A 10<sup>a</sup> Brigada de infantaria não fica melhor concentrada em Porto Alegre, alternando os seus dois regimentos no duro serviço de guarnição e aproveitando cada um duas semanas de cada mez, exclusivamente para instrucção?

S. Leopoldo e S. João do Monte Negro não seriam admiraveis pontos de estacionamento para outras unidades, situados como estão entre Porto Alegre e a fronteira? (\*)

Depois, é preciso attender ás condições especiaes do meio. A principal condição de efficiencia de um corpo é a presença de todos os seus officiaes, e isso só pôde ser conseguido quando as guarnições offerecerem certa commodidade, o que é o caso da chamada região colonial do Rio Grande do Sul.

Por outro lado, essa região extensa e povoada deve dispor de alguns corpos, afim de facilitar a incorporação e a mobilisaçao.

Mas, questões desse genero pôdem apenas ser sugeridas, nunca resolvidas aqui de longe. Devem ser estudadas lá mesmo, por um serviço autonomo de estado-maior regional.

De logistica feita ali na Avenida, nos Cafés ou nos Cinemas, o Exercito está farto. E á sabedoria de Delphos, substitua-se esta outra: *Conhece-me antes de legislar.*

1º tenente F. Paula Cidade.

(\*) Vide o quadro das distancias na pagina seguinte.

## HINDENBURGO

Sua batalha de inverno na Masuria, de 7 a 15 de Fevereiro de 1915

*(Continuação)*

Com todos esses antecedentes comprehende-se que, para conseguir um exito completo, era indispensavel que Eichhorn e Below, assim como os generaes Falk e Litzmann que dirigiam os corpos da ala

## Distancias em vias ferreas (\*)

	Kms.	Kms.	
De Porto Alegre a :			
S. Leopoldo.....	34	Cruz Alta.....	551
Montenegro .....	77	Passo Fundo.....	745
Barreto (ligação).....	129	Marcellino Ramos ( Limite	
Rio Pardo.....	208	extremo das estradas de	
Santa Maria.....	389	ferro do Rio Grande, na	
Cacequy.....	502	S. Paulo-Rio Grande).....	924
Alegrete.....	621	S. Gabriel.....	579
Uruguaiana .....	763	Bagé.....	709
Tupaceretan (D'aqui a via- gem é feita a cavallo etc., para as guarnições de S. Luiz e S. Nicolau).....	488	Pelotas.....	937
		Rio Grande.....	989
		Sant'Anna do Livramento..	669
		Rosario.....	561

(\*) Dados extraídos de publicações feitas pelas companhias de estradas de ferro do R. G. do Sul, visto serem evitadas as incorreções do quadro que acompanha a carta militar da região. As estradas do Rio Grande são todas de bitola estreita e velocidade média de 30 kms. Um vagão da V. F. R. G. S. tem 36 logares sendo de primeira classe e 60 sendo de segunda, e os carros de mercadorias pôdem accommodar 40 pessoas. Os vagões para animais accommodam deficientemente 16 cavalos.

direita, procedessem muito de acordo. Dadas as brilhantes condições destes quatro chefes, não se podia duvidar de sua discreção e de que não commetteriam faltas contra o plano de operações; seria necessário para isto, porém, que elles estivessem sempre inteirados a cada hora dos acontecimentos nos seus próprios exercitos e dos que se desenrolavam nos demais, em toda a gigantesca frente.

O serviço de informações deveria submeter o alto commando e os estados-maiores ás mais duras provas e por sua vez as tropas ver-se-iam submettidas provavelmente a sofrimentos e fadigas, privações e perigos como esta guerra não havia feito soffrer até então. Esperavam-nas longas marchas através da neve e com frio horrivel, por caminhos impraticáveis e em parte destruidos, por terreno deserto e devastado.

Foi preciso proteger a tropa contra todas estas circumstancias adversas; deram-se-lhe roupas de pelles e de lã e mantas para agasalho; prepararam-se abundantes munições e viveres para varias semanas; os carros foram transformados em trenós pelo sistema que ha muitos annos se emprega nas montanhas da Turingia e que consiste em adaptar ás rodas umas varas ou patins desmontaveis que permitem converter o trenó novamente em carro.

Aonde havia neve empregavam-se as varas; quando a neve desapparecia elas eram tiradas em muito pouco tempo e os carros seguiam sobre suas rodas; tomaram-se assim precauções contra quantas dificuldades pudessem surgir. Uma circumstancia, porém, dava a esta formidavel empreza um caracter summamente arris-

cado, — os elementos que formavam nossas tropas não eram homogeneos; em sua maior parte eram unidades novas compostas de jovens voluntarios ou de reservistas (ambas as alas) ou de veteranos da Landwehr e do Landsturm (centro); eram poucas as unidades activas.

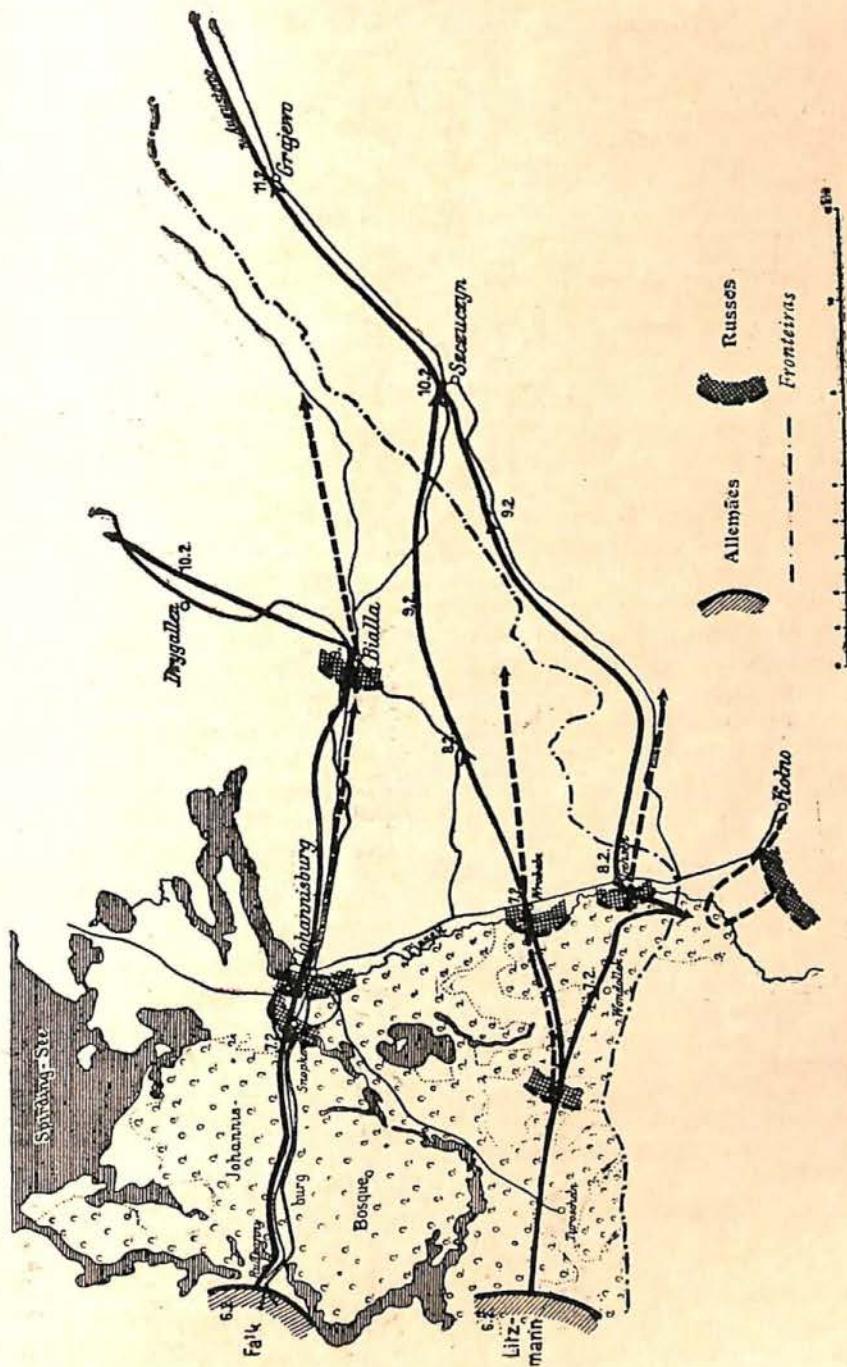
O acto de Hindenburgo se resolvendo a travar uma batalha decisiva apesar destes inconvenientes, da grande extensão da frente e da inclemencia do tempo, e levando-a a termo com tão brilhante exito, valeu-lhe uma gloria imperecivel.

Os movimentos começaram logo que terminou o desdobramento: já a 7 de Fevereiro Litzmann e Falk começaram a avançar e atravessaram o bosque de Johannisburg.

Encontraram pouca resistencia; as avançadas russas, surprehendidas, abandonaram suas trincheiras após breve combate e retiraram-se sobre o grosso situado no Pisseck e por traz do rio. Os russos aqui no sul tinham pouco mais de uma divisão: uma brigada occupava Johannisburg, os passos do Pisseck em Wrobeln e Gehsen estavam guarneidos por poucas forças; o resto encontrava-se em Bialla.

O corpo de Litzmann avançou em duas columnas, a do norte sobre Wrobeln, a do sul sobre Gehsen. Depois de uma marcha longa e penosa, pois durante todo o dia nevou sem cessar, chegou a primeira na noite do mesmo dia 7 de Fevereiro á margem direita do Pisseck, forçou a passagem em um combate nocturno e colheu 300 prisioneiros. A outra columna marchando ao sul, chegou no mesmo dia 7 até cerca de Wondolleck e seguiu na madrugada de 8 sua marcha sobre Gehsen. Estavam já pas-

Croquis n.º 2

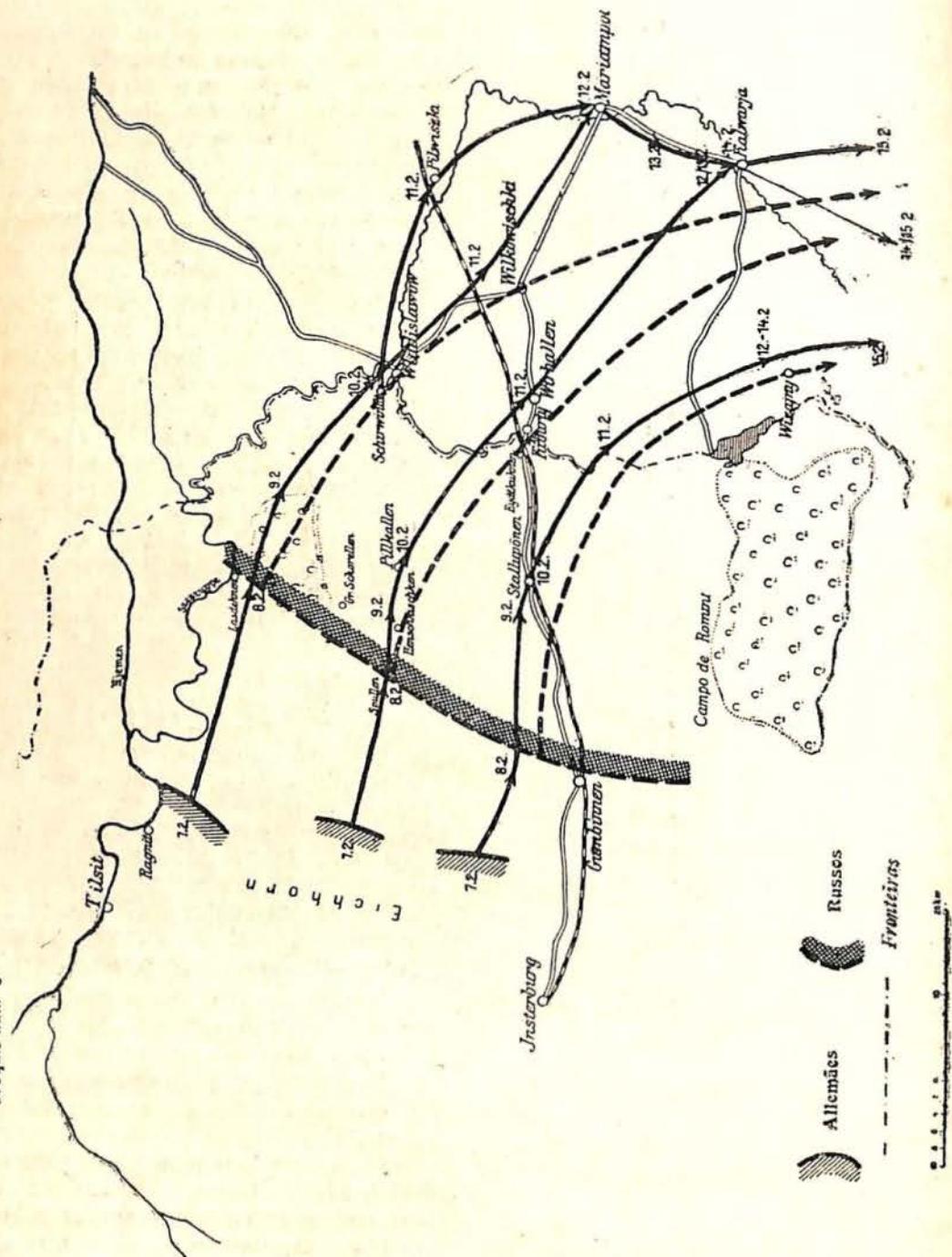


sando para a margem esquerda do rio as cabeças das columnas quando forças russas de pouca importância emprehenderam ao sul, na região de Kolno, um ataque de flanco. Fez-se a necessária mudança de frente contendo logo o inimigo e batendo-o após breve combate. Precipitadamente retiraram-se os russos perdendo 500 prisioneiros, 5 canhões e 2 metralhadoras, assim

como numerosos carros e muito material de guerra.

Estava feita a passagem do rio; os regimentos de Litzmann haviam cumprido brilhantemente a primeira parte de sua tarefa, percorrendo 40 quilometros em um só dia e nas piores condições de temperatura e de caminhos, rechassando com calma e sangue frio o ataque de flanco com

Croquis núm 3



que nos surprehendeu o inimigo e batendo-se com bravura extraordinaria quando por sua vez atacaram.

O corpo de Falk avançou no dia 7 em varias fracções contra Johannishurg e á noite chegou ás immediações da cidade. Seu grupo principal que marchava pela estrada de Rudzanny topou com o inimigo em Snopken e tomou esse povoado oc-

cupado por algumas companhias russas fazendo prisioneiros a dous officiaes e 450 homens com duas metralhadoras, isto é, a maior parte da guarnição.

A 8 de Fevereiro emprehendeu Falk o assalto a Johannishurg pelas tres estradas que conduzem á cidade, pelo Norte, E'ste e Sudéste.

A empreza foi tambem coroada de

exito; a presa consistio em 2.500 prisioneiros, 8 canhões e 12 metralhadoras.

Uma pequena parte da guarnição conseguira fugir até Bialla onde se encontrava o resto da 57.ª divisão russa; no dia 9 foi ella repellida dali.

A 7 de Fevereiro achavam-se concentradas e dispostas na região a S. O. de Tilsit as forças chamadas a operar ao N. com o general von Eichhorn. A ala direita russa desde O. de Pillskallen se dirigia, passando por Spullen, ao saliente occidental do bosque de Schorell. Seguia logo entre este bosque e o de Usszbull passando por Lasdehnen até cerca da fronteira em direcção geral a N. E. e tornava-se arqueada para traz. Fortemente preparada, a posição contava especialmente com aramados.

As localidades na frente estavam fortificadas, porem o grande pantano de Koenigshuld, que deante della se estende, não constituía um obstáculo serio porque estava gelado e quasi por todas as partes podiam-n' o atravessar a infantaria e os carros ligeiros.

O ataque a esta posição deveria darse a 9 de Fevereiro, porém o avanço iniciado no dia 8 levou grande parte da infantaria ás immediações das linhas inimigas.

Os russos, que por suas explorações tiveram noticia de que se aproximavam forças alemãs superiores, procuraram evitar o golpe retirando-se.

Si se lhes houvesse consentido isto, facilmente e sem grandes sacrifícios teríam tomado a posição, porém nesse caso os russos teriam marchado para o N. ou N. E. pondo em perigo os flancos e a retaguarda dos alemães quando estes avançassem. Se o inimigo cedesse em direcção a S. E., então, não ofereceria perigo, porém provavelmente escaparia de ser aniquilado com todo o seu material de guerra.

Havia, pois, que sujeitá-lo a todo custo, atirando-o logo para S. E. si se queria impedir que elle escapasse, compromettendo assim o exito de toda a empreza. De maneira nenhuma se podia permitir que os russos nos tomassem uma deanteira de doze horas. Por este motivo, os chefes das fracções mais avançadas decidiram, na tarde de 8, atacar imediatamente, mesmo dispondo ainda de pouca artilharia e metralhadoras.

Prescindio-se, de um modo geral, da

preparação do ataque pela artilharia e em rapido assalto foram os russos arrojados de suas trincheiras avançadas e pouco depois da posição que ocupavam por traz das mesmas. Na noite de 8 ficou em nosso poder a linha Henskischken — Spullen — Lasdehnen e o inimigo em retirada para S. E. A oportunidade do ataque e o movimento envolvente pelo N. imponeram aos russos a linha de retirada como desejava o alto commando alemão.

Depois disto era preciso perseguir o inimigo sem descanso, para não deixá-lo recobrar alento e para que renunciasse a toda resistencia séria. Tinhamos que cortar suas linhas de retirada para E., contornalos por esse flanco e envolvê-los. A partir das posições russas ocupadas, comprehendeu o general Eichhorn, no dia 9, o movimento envolvente em tres grupos principaes: a ala esquerda contra a linha Wilkowischki — Mariampol; o centro contra Kibarty — Wirballen; a ala direita sobre Stallupönen. No dia 10 foram tomados Pillskallen — Schirwindt e Wladislawow e a 11 chegamos a cinco pontos da linha principal de retirada dos russos para E. (com ferro-carril) que de Gumbinnen conduz a Kowno passando por Wilkowischki e Mariampol. Ficaram em poder dos alemães Stallupönen, Eydkenen, Wirballen, Kibarty e Wilkowischki; a presa de guerra constou de 16.000 prisioneiros, 10 canhões, 12 metralhadoras, muitos carros de munições e equipamentos, tres trens militares, immenso material de guerra e uma quantidade considerável de provisões.

Nestas marchas de perseguição nossas tropas tiveram que supportar sofrimentos e fadigas indescriptíveis.

Difficultavam o avanço denso temporal de neve, frio rigoroso e violento furacão.

Os trenós enterravam-se, os automóveis ficavam detidos e os canhões avançavam com o auxilio dos serventes e da infantaria; esgotavam-se as forças dos alemães de tiro e os cavalos ficavam extenuados pelo caminho. Porém nada podia deter o avanço: aqui tinham todo seu valor as palavras de Bluccher: «Quando se tem em vista um objectivo tão grande como a destruição de todo um exercito inimigo, bem pôde o Estado perder alguns centenares de cavalos que morram de fadiga.»

A perseguição continuou sem descanso: na ala esquerda a cavallaria chegou até

Pilwischki, fez voar a ponte da estrada de ferro sobre o Szeszuppe e assim cortou aos russos sua ultima linha de retirada e de acesso. O general Eichhorn occupou no dia 12 Wizayni, Kalwarija e Mariampol; nos dias 10 e 11 Litzmann avançou por Grajewo de S. O. até o sul de Augustovo e ficou já sómente a 70 kilometros das avançadas de Eichhorn. No dia 12, os russos que se retiravam do Angerap e Lötzen não haviam chegado com suas vanguardas senão até O. de Suwalki e não lhes ficava livre senão a linha de retirada pela estrada de Seyny, da qual distavam ainda 45 kilometros, enquanto que a Eichhorn faltavam apenas 35 kilometros para attingil-a. Onde ainda ficavam forças inimigas consideraveis era em Lyck.

Havia-se chegado á decisão estrategica, e Hindenburgo havia triumphado.

(Continua.)

foi além das evoluções de ordem unida condemnal-o-á de morte.

Desequipar é um dos mandamentos mais communs no campo. E' a formula mais positiva e expedita da economia dos homens. Se uma patrulha é lançada, geralmente, desequipa. E' o que fazem os homens de um posto que se installa. E' o que se prescreve enquanto a critica corre as linhas. E' o primeiro movimento para a execução dos trabalhos de sapa. E' o que exige quasi sempre o assalto. Emfim ha innumeros motivos e casos para desequipar.

Em se tratando de tropas frescas, longe do inimigo e attribuidas a missões commodas, o equipamento satisfaz. Não se desequipará ou se o fará, por não importar a promptidão para o combate.

Em outras condições o modelo inglez é contraproducente.

Desequipar desarmando os homens não se commenta. Tentar desprender os saccos dos suspensorios é uma operação demorada e por isso perigosa e inconveniente. Cumprir algumas missões com a tropa equipada é impossivel ou poderá conduzir a um desastre.

O modelo allemão é muito mais pesado e seu correame maltrata os nossos homens. Em compensação a mochila tem maior capacidade. Elle se presta á vida do infante em campanha.

Com este equipamento a tropa desequipa instantaneamente. Os homens ficam com o sabre, as cartucheiras e o bornal—armas, munições e viveres.

Um outro grave prejuizo apontamos.

As cartucheiras do "Mill" não satisfazem. Estragam-se facilmente com o uso do carregamento. Não protegem a munição. Difficultam o municiamento e sobretudo a já difficult operação do remuniciamento. E' que ellas são de cedarço e não teem fórmula.

Essas impropriedades excluem o equipamento inglez.

E' com pesar que o dizemos, porque lhe reconhecemos tambem grandes vantagens. Acham-lo elegante, sobrio e fabricavel em nossos arsenaes. Dá menos fadiga ao soldado. E' mais favoravel aos misteres do atirador. A disposição das cartucheiras é optima. Facilita o manejo e demais movimentos com o fuzil. Adapta-se admiravelmente á rapidez do importante acto do aprovisionamento da camara. Apesar disso não é a solução.

## O EQUIPAMENTO "MILL"

Segundo nos consta este equipamento está em vesperas de passar em julgado.

E' nosso intento fornecer mais uma opinião, addicional aos conceitos já expendidos. Só nos move o interesse da propria arma no mais severo dos seus aspectos — o da sua efficiencia.

Os juizos emittidos em sua maior parte se firmam na extrema commodidade que o modelo novo offerece ao soldado.

Inquestionavelmente, é o que dizem todos os homens que o teem usado.

Nós ajuntamos reconhecer no conjunto de suas peças uma real elegancia. Inegavelmente os homens tomam melhor apparence arreados com o "Mill". De outro modo somos ainda estrictamente ligados ao modelo inglez. O seu auctor não esqueceu de equipar o official subalterno. Positivamente, é o nosso pensamento. O equipamento em experienca resolve muito bem o problema, e nesse particular é opportuno fazer um registo animador: é que muitos exercícios teem sido feitos por tenentes com o equipamento carregado.

Entretanto, sob outras faces achamos o modelo em questão muitissimo falho.

Vejamos.

Para desequipar os homens tiram com o sacco as cartucheiras, o bornal e o sabre. Desarmam-se.

Quem em questões de infantaria já

Entretanto, o será, mediante algumas modificações que annulem os defeitos encontrados.

As suas cartucheiras precisam ser enformadas por cachetas de sóla (conservação, facilidade de municiar, protecção dos cartuchos). De um novo dispositivo carecem os cadarços que ligam o sacco ao dorso dos homens. Desequipar instantaneo e não desarmar a tropa.

Assim, será o menos inconveniente dos equipamentos para o nosso infante.

2º Tenente *Mario Travassos.*

## Organização dos Arsenaes e Fabricas Militares

### Chefes de Grupos

Já dissemos no ultimo numero que a primeira grande divisão de um estabelecimento fabril militar deveria ser em *serviços technicos* e *serviços administrativos*.

Essa judiciosa divisão que não foi inventada por nós, convém e é imprescindível a todos os nossos Arsenaes e Fabricas.

Cada um daquelles *serviços* terá subdivisões, sendo a mais importante a dos *serviços technicos*.

O agrupamento de officinas ou de trabalhos de uma mesma natureza, constituindo a sub-divisão de que tratamos, tem recebido, entre nós, denominações que variam, não só com os estabelecimentos, como ainda, em um mesmo estabelecimento, com os Regulamentos: — *Secção, divisão, direcção, grupo*, etc.

Quer nos parecer que a Fabrica do Piquete foi a primeira a dar um título acertado ao conjunto de officinas de uma especialidade: — *Grupo*.

Em favor do *Grupo* militam diversas vantagens:

1º. Exprime com fidelidade o agrupamento de determinadas officinas ou trabalhos;

2º. Convém a todos os nossos Arsenaes e Fabricas;

3º. O título de *Chefe* que se dá ao responsável pelos serviços do *Grupo*, sobre ser lógico, está muito de acordo com o nosso temperamento vaidoso e mandão...

Portanto, *Grupo* é decididamente a denominação propria ás sub-divisões dos *serviços technicos*, em uma organização geral.

Além de tudo, duas Fabricas já pos-

uem uma tal organização: a do Piquete e a do Realengo. Simples seria agora a transformação em *Grupos* das *Secções* dos Arsenaes. A Fabrica da Estrella não tem as suas officinas grupadas, entretanto ella comporta perfeitamente dois *Grupos*.

Recapitulando:

Direcção geral.	Direcção technica.	{	1º Grupo
			2º Grupo
		.....	.....

Direcção administrativa.

Até aqui nenhum tropeço se encontrará para levar a efecto uma unica organização para todas as Fabricas Militares.

Melhor que nós, a Directoria do Material Bellico, nobremente empenhada nesse utilissimo trabalho, saberá vencer.

Mas, o carro péga aqui: no *Chefe do grupo*; ou, de modo mais geral, no provimento dos cargos technicos de Arsenaes e Fabricas.

E' verdade que, sobre este particular, o carro péga logo na saída, mas nós somos modestos; que outros de mais força despéguem-no antes delle chegar ao *Grupo*...

Foi com patriotico desanimo que, com a entrada do engenheiro sr. von Steiger para a Fabrica do Realengo, verificamos o quanto estávamos, (estavamos e estamos) atrazados em todas essas cousas de tecnica fabril militar ou de material bellico.

Um dos factos mais importantes e o que nos serve hoje de assumpto, foi (foi e é), a mutação rapida, cinematographica, dos officiaes technicos, nas Fabricas. Ao sr. von Steiger o sistema de prover cargos technicos aqui, abalou-o, impressionou-o profundamente!

Dizia elle que um official para se tornar um technico efficiente necessitaria uma pratica pelo menos de cinco annos na especialidade. No entanto, alguns nem 5 meses se conservavam no lugar.

E isso continua, continua e ha de continuar por algum tempo, se Deus quizer.

A culpa da instabilidade dos officiaes nos estabelecimentos militares é do individuo ou é do governo?

A's vezes é do individuo, ás vezes do governo, mas em todos os casos é do sistema, da organização que nos felicita.

Illustremos o caso.

Um official atropelado pelos exercícios, pelas guardas, pelas promptidões, ou estado, lembra-se um dia de que ha uma

Fabrica A, ou um Arsenal B. Que faz? Cava immediatamente um logarzinho de *technico*... para descançar! E... descança mesmo.

Quando acontece o trunfo lhe sair ás avessas, isto é, quando em vez do descanço almejado encontra traba!heira séria, o remedio efficaz é logo applicado: exonera-se a pedido...

Encontrando um camarada qualquer que lhe indague de sua exoneração, a resposta é esta:

— Aquella *joça* não presta; estava perdendo o meu tempo.

E ahi está como muitas vezes a culpa da instabilidade dos officiaes nos Arsenaes e Fabricas é do individuo.

Vejamos outro aspecto.

O tenente J. que serve no Arsenal de Guerra ha dois annos e que está desempenhando satisfactoriamente o seu encargo technico, trabalhador, estudioso e assiduo, enfim, o tenente J., que tem decidida vocação pelo seu trabalho, pertence a um corpo estacionado em Nazareth. Acontece surgir em Nazareth um principio de revolução, ou de *quebra-lampeão*.

Que faz o governo militar? Manda que o tenente J. se recolha ao seu corpo.

Para substituir o pobre J. saltam quatro candidatos, daquelles *atropelados* de que falamos.

O tenente J. embarca para Nazareth e um dos candidatos assume o seu logar.

Perguntamos: quem perdeu com essa troca?

Unicamente o Exercito, em nome de cuja efficiencia foi feito tal *balance*. A culpa aqui é do governo.

Pois não é do governo, como 'a do primeiro caso não é do individuo; a responsavel unica é a engrenagem do systema.

Antes de falarmos na solução do problema vamos citar uma variante *concreta* e por isso digna de attenção.

O capitão Antonio José da Fonseca, official de 37 annos de idade e que tem os cabellos embranquecidos no estudo das polvoras chimicas, deixa agora a Fabrica do Piquete, onde, sem favor, era de facto o director-technico, para se arregimentar.

Não duvidamos que o capitão Fonseca se saliente como um optimo sapador, pontoneiro ou aerostateiro, mas o que podemos garantir é que a Fabrica de Polvora sem Fumaça perdeu um dos seus melhores technicos, e os serviços de material bellico um dos seus mais competentes auxiliares.

Factos como este só servem para trazer o desanimo a uns optimistas que andam por ahi a procurar saber como se fazem munição e armamento.

Como evitar os descalabros que até aqui temos citado?

Duas soluções se apresentam:

1º Os cargos technicos das Fabricas Militares serão entregues a civis.

2º Os cargos technicos das Fabricas Militares serão preenchidos por officiaes do **Quadro Technico**.

Alonga-se o assumpto e o assumpto é longo.

No proximo numero continuaremos a bater na tecla, tratando do **Quadro technico**.

1º Tenente *Freire de Vasconcellos*.

## Destruíções a explosivo (\*)

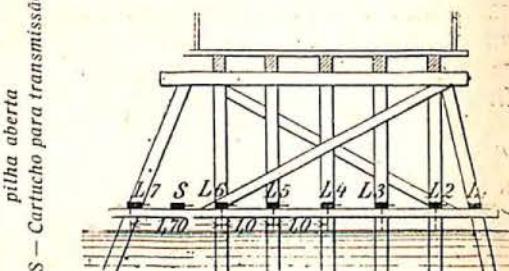
(Continuação)

*Pontes de alvenaria — Pilares*

528. A destruição de pilares de alvenaria em geral só é exequível quando são providos de camaras de minas (canaes de carregamento, cavas, poços). O lugar onde se applica a carga de explosivo chama-se a camara de mina.

Se a bocca do dispositivo de mina é fechada por um muro fraco, isto é, não se deixando reconhecer á simples vista, e se não se pudér obter a respectiva informação de funcionários da estrada de ferro ou da viação, é preciso sondar o pilar.

Fig. 237 — Estacada com cargas de explosivo



Isso se faz batendo nas paredes ou placas de cobertura por meio de um martello pesado, nos pontos onde se pôdem achar os dispositivos de mina. O som óco deixa supôr que no ponto se encontra um espaço vazio; ahi então cava-se a talhadeira e martello para descobrir a bocca da mina.

Se se encontram nos desvãos da ponte recipientes proprios para explosivos, conclue-se que existem dispositivos de mina. Tambem indicam a mesma coisa as boccas de canaes de desaguamento nas paredes dos pilares ou a presença de inscrições ou numeros.

(\*) Do «Annexo do R. do serviço de sapa em campanha, para todas as armas»: trabalhos de sapa a executar somente pela cavallaria.

529. Achado o dispositivo de mina de um pilar, deve-se medir a espessura d'elle e a interdistancia das camaras, portanto das cargas. Tem-se então a grandeza da carga ( $L_1$ ) necessaria para cada camara pela tabella A.

Tabella A — Cargas para destruição de pilares

Espessura m.	Número de cartuchos necessários para cada carga ( $L_1$ ) sendo a interdistancia das camaras de metros:						
	1,50	2	2,50	3	3,50	4	4,50
0,75	3						
1,00	4	6					
1,25	4	6	11				
1,50		6	11	18			
1,75		6	11	18	25		
2,00		6	11	18	25	37	
2,25		8	11	18	25	37	45
2,50		11	11	18	25	37	45
2,75		14	14	18	25	37	45
3,00		18	18	18	25	37	45

Observação — A abertura que conduz ás camaras, depois de introduzida a carga deve ser barrada segundo o n. 500.

Fig. 238 — Carga em uma viga circular (estaca)

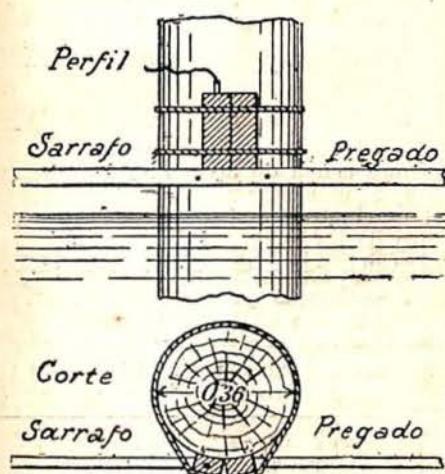
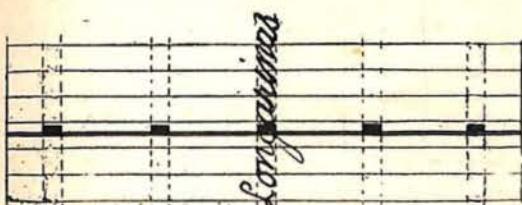


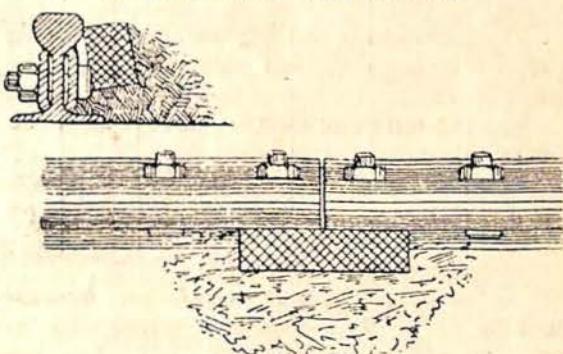
Fig. 239 — Carga em linha para destruir a superstructura de uma ponte de vigas de madeira



De accôrdo com a construcção das camaras, as cargas ficam em geral com a forma cúbica.

Se em um pilar só existe *uma* camara conclue-se qual a carga necessaria, vendo na tabella a que corresponde á hypothese de *duas* camaras cuja interdistancia fosse igual ao dobro da espessura do pilar. Caso a interdistancia e a espessura não coincidam com os numeros da tabella, tomam-se áhi os immediatamente superiores.

Fig. 240 — Aplicação de um cartucho explosivo a um trilho de estrada de ferro



Exemplo 1. Trata-se de arrebentar um pilar de ponte de alvenaria, cuja secção é representada pela fig. 257.

Espessura 2<sup>m</sup>; interdistancia de duas camaras 3,50.

$L_1 = 25$ ; a carga total é pois  $L = 2 \times 25 = 50$  cartuchos explosivos.

Exemplo 2. Trata-se de destruir um pilar de alvenaria, cuja secção é a representada na figura 258. O pilar só tem uma mina.

Espessura 2<sup>m</sup>; interdistancia hypothetica  $2 \times 2^m = 4^m$ .  $L_1 = L = 37$  cartuchos.

530. Todas as cargas mettidas em um pilar recebem mécha commun ou comprida, e sua explosão deve ser produzida simultaneamente, sob comando, segundo o n. 507.

*Arcos de pontes (aterrados de estrada de ferro)*

531. Para obter uma interrupção efficaz, o arco deve ser destruido em toda a sua largura.

As cargas devem ser applicadas sobre o fecho da abobada, si fôr accessivel; si houver porém espesso aterro, é preferivel em geral applical-as na face inferior.

Figs. 241 a 243. — Aplicação de cartuchos explosivos em desvios e cruzamentos.

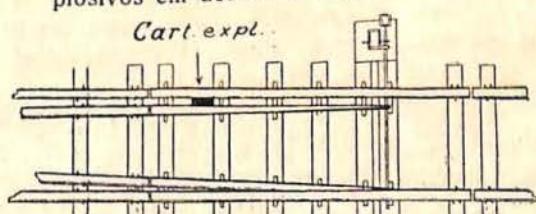


Fig. 241.

532. Na applicação sobre o fecho, afasta-se o aterro que o cobre e dispõe-se a carga em massa ou em linha directamente sobre a alvenaria.

Nas cargas em linha os cartuchos devem constituir uma camada singela, nas cargas em massa diversas camadas; em qualquer caso deve-se cobrir-as com a terra excavada ou dormentes. Essa

barragem não deve prejudicar a segurança da explosão.

533. A grandeza das cargas para fechos de abobadas se deduz das tabellas B e C.

Tabella B — Cargas em massa

Espessura da abobada, inclusive revestimento superior	Inter-distancia das cargas	NUMERO DE CARTUCHOS					
		Em cada carga	Para todas as cargas ( $L_1$ ), sendo a largura da ponte de:				
			5 m	6 m	7 m	8 m	
0,50	1,00	4	20	24	28	32	
0,75	1,50	13	39	52	65	65	
1,00	2,00	24	72	72	96	96	

Observação — Sendo possível barrar as cargas com uma espessura proximamente igual à da abobada, bastam cargas reduzidas à metade.

Tabella C — Cargas em linha

Espessura da abobada, inclusive revestimento superior	Numero das linhas de cartuchos contiguas	Numero de cartuchos, para a largura da ponte de:			
		5 m	6 m	7 m	8 m
0,50	2	50	60	70	80
0,75	3	75	90	105	120

Observação — Identica à da tabella B. Não se podendo constituir linhas contínuas de cartuchos, os que excedem de uma linha devem ser uniformemente distribuídos ao longo das linhas completas.

Como se vê da comparação das duas tabelas, as cargas em linha demandam muito maior numero de cartuchos (cerca do dobro) do que as cargas em massa, para o mesmo effeito. Por isso limitar-se-á seu emprego ás abobadas fracas e aos casos em que seja muito difícil obter a explosão simultanea da carga em massa.

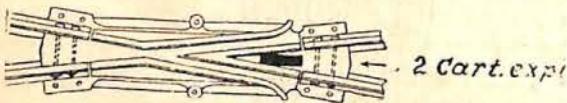


Fig. 242.

Exemplo 3. Destruir o arco fig. 259 com cargas em massa.

Espessura 0,50, largura 8m.  $L_1 = 4$  cartuchos,  $L = 32$ , portanto 8 cargas, si não se fizer barragem.

Si porém se fizer sobre as cargas uma barragem de 0,50 de espessura, bastará:

$L_1 = 2$ ,  $L = 16$ , portanto 8 cargas de 2 cartuchos.

Para obter a explosão simultanea por indução é necessário applicar primeiramente uma viga ou tabôa forte, sobre as cargas dispostas em um rego transversal á abobada, e providas de estopilhas, segundo os n. 505 e 506, e sobre ella o atero.

Exemplo 4. Destruir o mesmo arco com uma carga em linha.

$L = 80$  si não se fizer barragem,  $L = 40$  se fizer uma barragem de 0,50 de espessura.

534. Para applicar uma carga em massa na face inferior do fecho de uma abobada, ella é

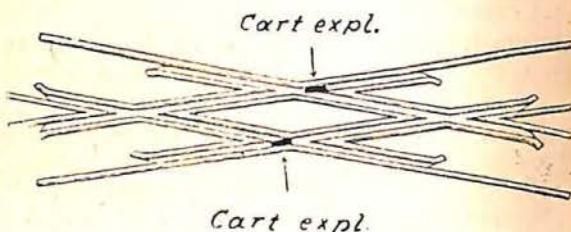
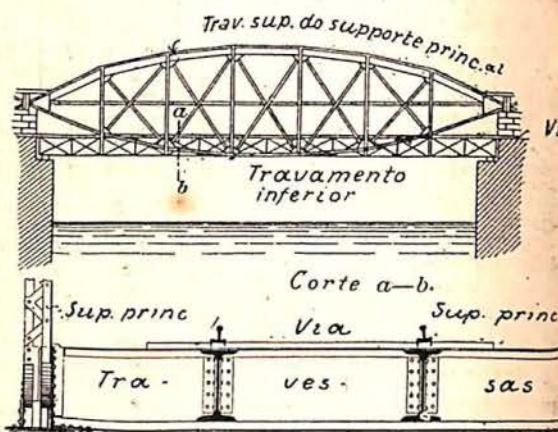


Fig. 243.

disposta sobre uma base resistente e apertada contra a face. Determinam-se as cargas pelas tabellas B e C, si se pretender sómente fazer cair o arco.

Fig. 244.



Havendo acima do arco um atero de grande espessura e querendo-se que também este seja derribado, como por exemplo, para arrebentar um boeiro de alvenaria num aterradão de estrada de ferro, calcula-se a carga pela tabella D.

Tabella D — Cargas para destruir aterrados de estrada de ferro (boeiros)

Distancia das cargas á superficie livre do aterrado	Leito de linha simples (Largura superior 4,50)		Leito de linha dupla (Largura superior 8,50)		
	Numero de cargas	Numero de cartuchos de uma carga	Numero das cargas	Inter-distancia das cargas	Numero de cartuchos em cada carga
2,50	1	64	2	5 m	45
3,00	1	88	2	5 »	64
3,50	1	117	2	5 »	88
4,00	1	152	2	5 »	117

Observação — Ambas as bocas do boeiro devem ser inteiramente fechadas com terra, pedras, dormentes, etc. Caso isso não seja possível, será necessário multiplicar por 4,5 a carga dada pela tabella.

Exemplo 5. Arrebentar um aterradão de estrada de ferro aproveitando um boeiro seco, fig. 260.

Distancia da carga á superficie livre 4<sup>m</sup>; linha simples;  $L = 152$  si se puder fazer a barragem, como mostra a figura. A explosão só será realisavel por electricidade.

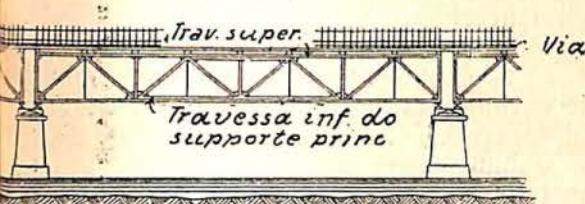
Sem barragem dever-se-ia tomar

$L = 4,5 \times 152 = 684$  cartuchos; para tanto não dispõe de explosivo nem a D. Cav. inteira.

#### Pontes de cimento armado

535. Os supports de taes pontes são constituídos de um nucleo de ferro, envolvido de beton (mistura de cimento, areia e pedra britada).

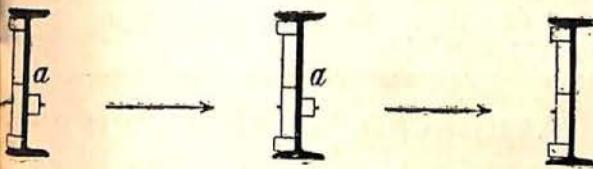
Fig. 245.



Externamente reconhecem-se taes pontes pela sua construção esbelta, simples, e a superficie dos supports em geral lisa, raramente apresentando imitação de juntas de pedras.

Em geral são pontes de arcos bem abatidos com grandes vãos ou imitando pontes de ferro, mas sem muito gradeamento. Taes pontes tem muito grande resistencia á destruição por explosivo; para a mesma secção, o cimento armado exige o dobro da carga de explosivo bastante para a alvenaria commun. Muitas vezes a quenda de uma parte não arrasta as visinhas. Para des-

Fig. 246. — Disposição das cargas para arrebentar supports de ferro e indução das detonações.



truir-as será sempre necessário recorrer aos officiaes de sapadores ou a engenheiros-constructores existentes na tropa.

#### Tunnels

536. Não pôde caber á cavallaria a destruição radical de um tunnel, mas ella é capaz de inutilisá-lo por algum tempo, arrebentando as boccas ou uma d'ellas pela applicação de cargas em massa á respectiva abobada (531-533), ou, si esta fôr inacessivel, fazendo uma extensa destruição dos trilhos no interior do tunnel.

(Continua)

### Considerações artilheiristicas

#### (Conclusao)

No decorrer da lucta da vanguarda é preciso que se decida a respeito do emprego do grosso e da ulterior direcção do

combate. Com quanto não seja possivel prever o ponto em que se dará a decisão, ha resoluções das mais serias consequencias a serem tomadas: são as que imprimem aos proximos acontecimentos um cunho definido. O commandante das tropas tem, muito cedo, que determinar se a força principal da columna deve atacar pela esquerda, pela direita ou por ambos os lados da linha de marcha. A impossibilidade de commandar de uma posição unica uma infantaria desenvolvida sobre uma frente de 3 a 4 kilometros exige tanto mais a formação de grupamentos tacticos de combate, quanto menos abrangido pela vista fôr o terreno e menos esclarecida a situação.

«A formação dos grupamentos e a distribuição da artilharia caminham de mãos dadas». Sob o ultimo ponto de vista, devem ser respondidas as seguintes perguntas:

1. Devem ser dotados com artilharia todos os grupamentos tacticos?
2. Como serão apoiados com artilharia os que nenhuma bateria recebem?
3. Que fazer das baterias restantes após a dotação dos grupamentos de combate?

Quanto a 1 e 2 dever-se-ia observar:

— Nós exigimos, no combate de encontro, invariavelmente, uma immediata, intensiva acção conjuncta da infantaria e da artilharia. D'ahi a necessidade de permanecer um contacto, tanto quanto possível directo entre as duas armas. No quadro de uma divisão de infantaria é impossivel, de um unico ponto de commando da artilharia e de longe, fazer chegar um apoio immediato a uma linha de infantaria que se extende em um terreno variado. Quem melhor pôde avaliar a significação tactica da fracção inimiga que se acha na frente do grupamento de combate, é o respectivo commandante. No concernente á necessidade de dotar em artilharia os grupamentos de combate não temos, pois, nenhuma duvida. Os que, sem contemplações, devem atacar, precisam de maior numero de baterias do que por exemplo, os que somente tenham que deter o inimigo. Para a distribuição aos grupamentos serão tiradas em primeiro lugar as peças de montanha e os canhões de campanha e só casualmente obuseiros de campanha e baterias pesadas.

O direito de dar ordens á artilharia

do grupamento cabe sómente ao seu commandante e ao seu superior, o chefe das tropas. Não devem ter influencia as ordens de outra procedencia. O commandante do grupamento determina qual a porção da linha de atiradores inimiga ou, respectivamente, quaes as baterias que oportunamente devem ser batidas.

Elle indica, em cada caso, ao mais graduado dos officiaes de artilharia o que é exigido da efficacia das peças, assim como se o ataque de infantaria deve ser acompanhado por meio de mudanças de posição para a frente. O chefe do grupamento e o commandante de sua artilharia devem, sempre que possível, no interesse do mais prompto entendimento, escolher o mesmo lugar de estacionamento.

Por occasião da escolha das posições para a artilharia do grupamento deve-se, tambem, quando possível, levar em consideração o tiro executado sobre o espaço fóra do sector do proprio grupamento, o qual pode vir a ter grande importancia com o desenrolar dos factos.

A's rapidas mudanças de situação ocorridas ao inicio do combate de encontro, sucede, mais cedo ou mais tarde, uma certa estabilisação da lucta. A significação de certas porções de terreno e de objectos vae-se tornando cada vez mais expressiva.

A vontade do chefe condensa-se na resolução de, neste ou naquelle lugar, alcançar exito por qualquer preço.

Esforços serão feitos para concentrar o fogo de artilharia obrigado, até então, a ser adejante para servir ás necessidades do grupamento de combate. D'ahi resulta retirar-se dos grupamentos uma maior ou menor parte de artilharia, segundo a conveniencia, e ser nomeado um chefe especial de artilharia, com o fim de fazer uma applicação continua, no interesse de um objectivo mais elevado.

Para promptamente poder-se executar uma concentração de fogo, necessaria ou admissivel, devem os commandantes de artilharia dos grupamentos, após a ocupação da posição, ligarem-se imediatamente por telephone ao chefe de artilharia do corpo de exercito.

As baterias restantes, após a formação dos grupamentos, serão directamente destinadas pelo mais graduado chefe ou pelos seus orgãos auxiliares da artilharia, a outra esphera de acção. O commandante, com a acção dos fogos dessas baterias pôde in-

tervir, aqui ou ali, auxiliando a acção das sub-unidades. Estas baterias não devem ser encaradas como reservas de artilharia nem, em principio, serem retidas até o aclaramento do estado de cousas, porém, exactamente como todas as outras, devem, depois de assegurado o espaço, entrar na lucta.

Todo combate de encontro é, desde o inicio, uma lucta pela superioridade.

Sómente, em se tratando de peças pesadas que, na maioria dos casos, devem permanecer na primeira posição ocupada, prescreve-se o esperar socegadamente.

Tudo que acontece em um combate de encontro deve ser impregnado de uma feição vivaz e energica. A vontade de agarar o inimigo com mão de ferro deve triunfar das reflexões. A preocupação de se ter depressa numerosa artilharia lá onde se procura a decisão, não deve ser perturbada pela objecção de que, mais tarde, poderia ser necessário empregar baterias em outras posições. A natureza do combate de encontro e, mais ainda, o desejo de em toda parte apoiar *a tempo* a infantaria tem, infelizmente, como consequencia uma grande disseminação de fogos. Mas, logo que admissivel, será a efficacia concentrada.

Eu não quero forçar a decisão lá onde um feliz acaso me atira com umas migalhas de exito, mas sim no lugar por mim mesmo escolhido.

## Avaliação de distancias

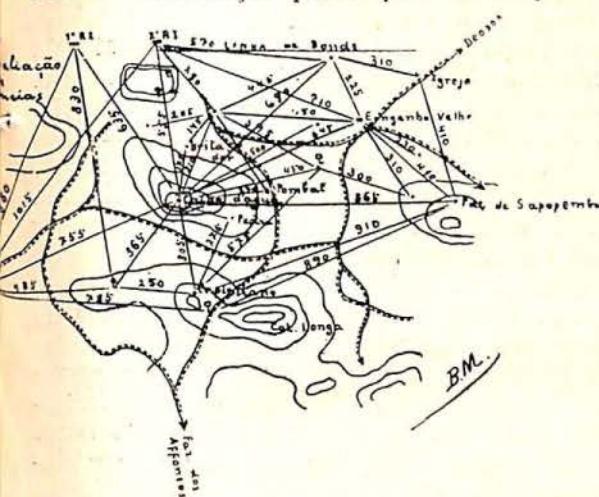
Aqui têm hoje os camaradas que de perto vêm acompanhando o desenvolvimento da instrucção nos corpos um pequeno croquis para exercicio de avaliação de distancias.

Elle é apenas a reducção de uma carta da zona ein frente ao quartel do 2º R. I. e constitue, por sua ligação com outros trabalhos do mesmo genero, uma parte da serie de levantamentos que fiz, durante o tempo em que dei instrucção de topographia a uma turma de inferiores. O original foi organizado na escala de 1:5000 e o apparelho empregado a prancheta de Gurley.

Um dos meus primeiros cuidados, ao iniciar essa serie de levantamentos, foi aproveitar, em beneficio de outros ramos da instrucção, todos os trabalhos que fosse

successivamente executando. E com tal objectivo não só organisei uma carta que permitte a solução de themes de pequeno desenvolvimento, como consegui, pelo emprego das reducções, alliviar um pouco o penoso trabalho dos instructores nos diferentes exercicios de avaliação de distancias. Havia effectivamente no regimento, por essa época, uma extraordinaria falta de recursos, de modo que não era sem dificuldades que se dava instrucção sobre avaliação de distancias. Basta dizer que nem de um telemetro se dispunha. Os meus cuidados, portanto, não foram inteiramente sem fundamento.

Como coincidisse a minha lembrança com a distribuição pelos quarteis da pran-



cheta de Gurley, tratei de aproveitar a oportunidade que se me offerecia e consegui em curto prazo chegar ao meu objectivo.

Uma vez que fiz os primeiros trabalhos não me foi difficult organizar as respectivas reducções, e uma dellas é a que apresento hoje, a mesma que tem servido, por haver sido distribuida aos instructores sob a forma de cartão postal, no 2º Reg., para applicações nos exercícios de avaliação de distâncias.

A carta de onde procede a presente reducção, levantada na escala de 1:5000, foi organisada tendo em vista exercícios ou themes de pequeno desenvolvimento e com a tropa, ao passo que a reducção não envolveu outras considerações além das que se prendem aos exercícios de avaliação das distâncias.

Com tal resolução facilitei ainda a leitura do croquis, pois substitui o uso da escala durante os exercícios por distâncias já medidas entre um grande número de pontos.

E assim, não só ev... emprego de reguas na traducão das distâncias, como preveni qualquer dificuldade que pudesse surgir aos que não tinham o habito de manejar as escadas.

Evidentemente encontrarão erros se procurarem verificar algumas distâncias indicadas no croquis. Devo lembrar, porém, que a própria natureza do levantamento (expedito) serve para justificar a existência de tais erros. Estes, entretanto, pelo destino do croquis, não são de molde a influir no resultado das avaliações. Os próprios telemetros comumente empregados nunca medem as distâncias com rigorosa precisão. Aliás, o que se quer é uma base, exactamente para que cada homem edique a sua vista e evite ao mesmo tempo a possibilidade de erros acima dos limites tolerados.

Barbosa Monteiro.

N. da R. — O presente trabalho alem de representar um bom subsidio para a importante instrucao de avaliaçao de distancias, pôde fornecer um corollario que se deve enunciar mais ou menos assim:

Na caserna, o oficial que quer trabalhar encontra sempre em que ocupar utilmente o seu tempo, mesmo que a tropa esteja muito desfalcada.

Não ha pois razão para a muito conhecida  
desculpa:

— Eu não me arregimento porque não ha nos regimentos soldados para intruir.

## Questões á margem

## Das «Cartas» de Griepenkerl

**(Continuação)**

#### **XLIX. Fortificação de campanha.**

Decima quinta carta, pagina 234, meio e fim: "... Vd. Instr. sobre fort. de camp. 18". ... idem id. 13.

No R. alemão de 28-6-06, capítulo "Principios geraes" encontra-se:

5. As fortificações de campanha têm por fim aumentar o efeito das armas e proteger contra o das inimigas. Ellas prestam importantes serviços ao commando, ás vezes imprescindíveis, e são de utilidade em toda parte onde se tenha que esperar numa posição um ataque inimigo. Ellas põem o commando em condições de poupar tropa para intervir em logar decisivo com fortes reservas. Uma defesa que queira não só repellir o ataque mas alcançar victoria decisiva, tem que ser combinada com o procedimento offensivo.

6. O comando serve-se da fortificação de campanha para executar seus intuiitos sem se deixar dominar por ella. As obras já executadas

não devem impedir-o de tomar nova resolução, caso mude a situação. (\*)

7. Támbem no ataque pôde o emprego da sapa prestar valiosos serviços, para sustentar terreno conquistado e para obter novos pontos de apoio afim de prosseguir no ataque; mesmo sob o fogo inimigo pôde ser útil seu emprego.

8. Os chefes de todos os postos têm o dever de empregar a sapa, por iniciativa própria, toda vez que assim se facilite o desempenho de sua missão.

9. Uma posição só tem valor quando obriga o inimigo a atacar... (É o n. 433 do nosso R. E. I.)

10. A primeira determinação de uma posição faz-se pela carta. A extensão dependerá das intenções do comando e da tropa disponível.

Pôde ser necessário prevêr mais de uma direcção de ataque e preparar diversas frentes para a defesa.

Contra envolvimento, apoiar os flancos ou ahi escalar a fortificação...

11. Para a ocupação de uma posição, a artilharia constitue o esqueleto.

Cooperação da infantaria e artilharia e concentração dos fogos sobre as direcções mais favoráveis do ataque.

13. Obstáculos só têm valor quando demoram o atacante e, sem denunciar a posição, ficam sob fogo eficaz. Seu fim é guardar contra as surpresas e têm especial utilidade onde o inimigo possa aproximar-se desenfiado.

Fortes obstáculos naturaes e linhas contínuas de obstáculos artificiales deante da frente impedem o proprio avanço e podem induzir o inimigo ao ataque envolvente. Elles têm valor quando este fôr impossível ou determinarem o desejoado ganho de tempo.

Cabe sempre seu emprego quando se tratar sómente de sustentar uma determinada linha.

14. As obras simuladas têm por fim illudir o inimigo no que diz respeito á situação e extensão das obras da defesa. É preciso que não fiquem na mesma zona de dispersão destas e que produzam ao longe a impressão de obras verdadeiras.

15. As máscaras destinam-se a cobrir obras de fortificação ou posições de tropas sem prejuízo da eficacia das próprias armas...

16. Numa posição sustentada por dias pôde ser um meio eficaz de illudir o inimigo a modificação ou a mudança de acidentes topográficos.

18. O reconhecimento deve ser feito, quanto possível, pelo proprio comandante em companhia de officiaes do estado-maior, de artilharia e de sapadores. Condições desfavoraveis em certos pontos não têm importancia: compensam-se os pontos fracos por obras mais fortes.

19. Determinam-se as fórmas da fortificação de acordo com a natureza do combate, decisivo ou para ganhar tempo.

20. Antes de começar a fortificação de uma posição ha de estar determinado o pretendido emprego da tropa.

21. Em principio escolhe-se uma linha, que se fortifica com todos os meios. Só em casos raros é recomendável preparar e guarnecer posições avançadas...

(Vér Questão XXI "A Defesa Nacional" n. 25.)

34. Em principio, os trabalhos de fortificação são executados pelas tropas que hão de defender a respectiva posição.

A infantaria executa todas as obras simples. Os sapadores destinam-se á construcção das obras dificeis... A artilharia executa as suas fortificações de campanha.

## Subsídio para o anno de instrucção

*Instrucção Prática* — de um livro do commandante Royé.

### IV

#### B — Exercícios preparatórios

##### Exercício n. 2

*Situação*: a mesma. (1)

Depois de algum tempo, o posto da crista assinala um objectivo importante. Immediatamente, recolhe-se ao coberto *G*. Patrulhas inimigas transpõem a crista.

Instantes mais e um dos homens do posto esclarece a situação: uma columna de *B* para *A* sem cavalleiros; faz suppôr um batalhão.

*Objecto* — Acção do chefe e do seu grupo em algumas situações resultantes do movimento do adversario.

*Estudo* — Disposições tomadas: quando as patrulhas e o primeiro grupo inimigo transpõem a crista; durante um lance do adversario seguido de um fogo e durante o movimento de um grupo inimigo auxiliado pelo fogo de um outro grupo aterrado.

*Organização*.

I — *objectivos* — dispôr:

*a*) na crista um grupo *O* em columna por quatro (as patrulhas são supostas).

*b*) aquem da crista e a 900 m. um grupo em atiradores em pé (em movimento) *P* e atraç da trincheira um grupo aterrado *R* apenas se mostrando o indispensável para atirar. Collocar um homem ou uma silhueta de pé, á rectaguarda e ao centro do grupo.

*c*) á altura de *R* um grupo em movimento *S*.

II — *Convenções*.

1º *signal*: Apparição de *O* até que o fogo seja aberto. Reapparição quando este cesse se não tiver sido violento.

2º *signal*: Apparição de *P* visivel 20' de fogo, depois a de *R*; a um signal particular fazer aparecer o homem isolado.

(i) Recorrer ao numero anterior.

3º signal: Desde que o fogo seja aberto sobre  $R$  fazer aparecer  $S$  que se aterra assim que caia sob o fogo.

## *Situações successivas—Disposições tomadas* ENSINAMENTOS

Primeira — Situação resultante da informação recebida até o momento em que o inimigo (objectivo *O*) cae sob o fogo e aterra.

Ao receber a informação o chefe do grupo se collocou com seus observadores a traz do muro e fez este ocupado pelo grupo. Esquecendo-se da patrulha, assim que viu o primeiro grupo *O* faz abrir um fogo de dois cartuchos pela secção da direita.

O director apesar de estar-se reservando para discutir a questão, rectificou o determinado ordenando um «fogo á vontade» de todo o grupo.

### *Faltas dos atiradores:*

O fogo não foi intenso; dois homens atiraram sem vêr o objectivo; o fogo continuou apesar do commando de «cessar fogo».

Nenhuma observação até a abertura do fogo.

## *O fogo se justifica?*

Um espectador diz «que o objectivo a esta distancia não era bastante vulnerável e que demais na offensiva como na defensiva é preciso romper o fogo o mais tarde possível»; accrescenta um outro «é preciso attingir o grosso da columna»; diz um terceiro «o grosso da vanguarda».

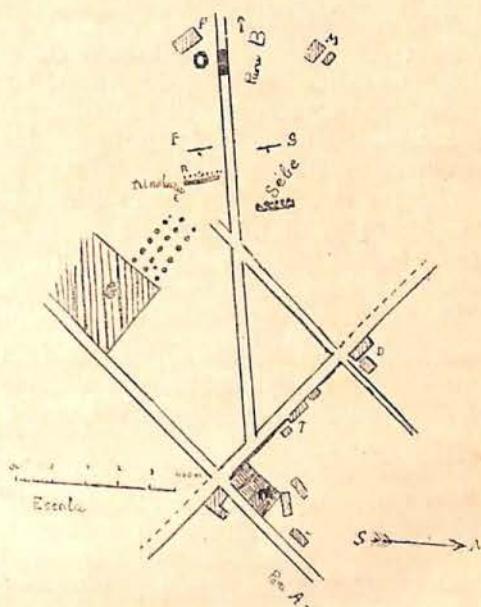
«O objectivo não é bastante vulnerável». Theoricamente, á distancia de 1.200 m. no polygono esta secção não é vulnerável mas tambem não é invulnerável. Ora, as condições de protecção em que está a tropa, o tempo e a calma para a exactidão dos elementos do fogo, quasi asseguram os resultados do polygono. Demais, não se trata de destruir o inimigo — o grupo de 50 homens *não pôde ter* esta pretenção. Trata-se de retardar seu movimento, causando-lhe baixas. Ora, não atirar é franquear o accesso. Abrir o fogo é obrigar a aterrarr, a marchar com prudencia, a desenvolver... enfim a *perder tempo*.

«Attingir o grosso da vanguarda». Agir assim é não impedir o avanço do inimigo sobre os 500 ou 600 m. do posto. E' deixar este ameaçado, durante todo o tempo

que afilar contra o grossô, por um fogo a cada instante mais efficaz.

«Attingir o grosso da columna». Isto apenas prova que o seu auctor ignora completamente o dispositivo de marcha de uma columna mesmo de fraco effectivo. Elle só agiria sobre o grosso quando as patrulhas e a testa tivessem ultrapassado o posto!...

«Na defensiva como na offensiva, deve-se atirar o mais tarde possivel». E' preciso raciocinar. Não se trata de uma solida linha fortificada. Não existem defesas accessorias. Não ha a collaboração da artilharia. Não ha emfim a certeza desse conjunto de resistencias quebrar o *élan* do inimigo. Aqui a situacão é outra.



O grupo em exercício está mais ou menos isolado, quasi entregue ás suas proprias forças.

O que ha a fazer é retardar o inimigo e por conseguinte agir o mais cedo possível. O emprego do fogo foi pois judicioso.

Acontecerá o mesmo quanto a sua natureza?

Fogo de dois cartuchos por uma secção! O fogo deve ser violento. Evidentemente, ha graus em sua violencia. Em o caso vertente, entretanto, é indispensavel a maxima violencia.

*A situação?* Retardar o adversario. Então seja o primeiro golpe energico. Utilisando a surpresa, produzir o effeito moral maximo.

*A a distancia do objectivo? Ao efecto moral é preciso ajuntar o efecto material...*

Este efecto moral será tanto maior quanto mais considerável forem as perdas materiais. Ora, mesmo no polígono a eficácia diminui à medida que a distância aumenta. E, esta diminuição de eficácia é compensada pelo aumento de intensidade. Si quizermos a 1.200 m. *conseguir resultados*, é indispensável grande intensidade.

A duração do fogo pôde ser a mesma desde que o inimigo se mostre igual tempo. O que é muito preciso é no mesmo tempo atirar o dobro de projectis.

Os graduados encarregados de observar os atiradores notaram:

— que o fogo não foi iniciado com igual intensidade.

— que dois homens tinham atirado sem ver o objectivo.

Pela primeira falta tanto são culpados os homens como o chefe do grupo. Aquelas porque demoraram demasiadamente a ocupar a posição. Este porque deu as vózes precipitadamente.

Quanto aos homens terem atirado sem ver — «porque, dizem elles, o chefe ordenou o fogo»; elles o executaram brutalmente em *desacordo com as prescrições da disciplina de fogo*.

*Segunda* — O grupo *O*, depois de aterrado sob o fogo, apresenta-se em duas colunas (aparição suposta.) Depois um desses grupos se desenvolveu e marchou em atiradores a 900 m. (objectivo *P*.) Sob o fogo, este grupo aterra em uma trincheira (objectivo *R*) e atira.

O grupo de atiradores em *P* é recebido por um fogo à vontade. Depois delle aterrado e de ter aberto o fogo, o chefe do grupo quer responder. Porém nem siquer elle pôde designar o objectivo que a muito custo era visível com o binóculo.

O director quiz a justificação do emprego do fogo sobre os dois objectivos.

Para o objectivo *P*, em atiradores elle, como já o fez n'um exercício anterior, respondeu que «era um alvo sedutor». Ainda uma vez diz-lhe o director que não se trata de atirar sobre alvos sedutores. E' preciso antes de tudo saber se elles são perigosos, isto é, se contrariam a nossa missão... Ora o grupo *P* avança; devo retardá-lo. Eis a verdadeira razão do fogo. A alça adoptada foi longa de 200 m. O director a rectificou.

O outro objectivo não é sedutor...

Mas, como atira, o chefe do grupo quer responder. O director percebe que este fogo não é razoável. Mas, querendo emendar flagrantemente um erro, deixa que o chefe o realise. Auxilia-o mesmo na procura dos meios. O fogo seria difícil. O objectivo apenas visto por binóculo exigia um alvo auxiliar. Para facilitar a tarefa o director com o signal convencionado faz aparecer a silhueta em pé à rectaguarda do grupo-objectivo.

A visibilidade desta silhueta permitiu a abertura do fogo. Logo o director mostrou os inconvenientes do chefe se expôr, como aliás o do grupo em exercício já tinha feito em outra ocasião. Destacou os prejuízos que a aparição acarretou ao grupo.

*Terceira* — A situação recomeça quando o grupo *P* aterra (objectivo *R*) e é revelado pelo chefe que observa de pé. Quando este grupo cai sob o fogo um outro grupo em atiradores (objectivo *S*) à 900 m. dá um lance. Este grupo desde que cai sob o fogo aterra instantaneamente.

O chefe do grupo abre o fogo sobre o grupo *R*. Durante o fogo elle percebe o grupo *S*; muda de objectivo, mas, no momento em que o fogo rompe, este grupo aterra.

Vejamos agora se o fogo sobre *R* era justificado. Ainda uma vez, o fogo não é senão um meio. Nesta situação nós o empregamos para retardar o movimento do inimigo. O grupo *R* não avança, logo, por si mesmo se retarda; a *situação não impõe, pois, o fogo*. Mas, o grupo *R* atira, dir-se-á. Que importa? Protegida pelo muro nossa tropa, materialmente, não sofre. Em sua trincheira o grupo inimigo também não sofre. Demais, si se atira sobre os grupos em movimento e também sobre os que aterrados atiram, atirar se-á sem cessar!...

Não se pôde nem se deve atirar sem cessar (consumo de munições, fadiga dos atiradores); é preciso pois escolher.

Atirando-se sobre este grupo aterrado, perde-se a oportunidade de atirar sobre um objectivo mais perigoso.

O grupo *S* aproveitou-se da atenção dada ao grupo *R* para dar um lance; quando o fogo foi aberto sobre elle aterrrou mas... já tinha avançado. Em resumo, o

objectivo mais perigoso fez o que quiz (contrariou nossa missão) e ficou indemne; o menos perigoso foi alvejado e nada sofreu.

Concluamos: *no caso e no momento considerados*, a situação, a economia de munições, a necessidade de não encovar os homens, o de estar prompto a romper o fogo sobre os objectivos mais perigosos, tudo recomendava o silêncio.

*Mario Travassos.*

## O Fusil Mauser M. 1908

### Nomenclatura do fusil — Projecto de instruções para o seu uso

#### CAPITULO III

(Continuação)

#### LIMPEZA

##### § 5 — Material de limpeza, utensílios e substâncias.

151 — *Utensílios.* Para as operações habituais de limpeza, empregar-se-ão, na companhia, os seguintes utensílios: *torno de limpeza, varetas, falso ferrolho, limpador de camara, talas de madeira, pinceis, almofolias e escovas.*

152 — *Torno de limpeza* — O torno de limpeza consiste em um pequeno apparelho facilmente montável em uma mesa, estrado ou banco, por meio de parafusos. Destina-se a fixar a arma na operação da limpeza interna do cano. As partes que a recebem, sujeitando-a solidamente, mas sem forçamento, na altura do delgado, são de madeira, com uma cavidade ou alojamento apropriado, revestido de feltro. A metade superior do apparelho é móvel em torno de um eixo e pôde ser retida ou desprendida com auxílio de uma alavanca que se manobra de modo a apertar ou desapertar a contraporça com que é solidária, segundo se queira firmar ou retirar a arma.

153 — *Vareta de limpeza.* Para a limpeza interna do cano, far-se-á uso da vareta própria para esse fim e composta de uma haste de aço ligada a um punho de mesmo metal por um roamento de esferas. A extremidade anterior da peça é de latão e apresenta um certo número de recortes ou entalhes, destinados a fixar a bucha de limpeza. Próximo ao punho e com o fim de limitar-lhe a introdução, é ella provida de um ressalto, ao qual ainda se vem apoiar uma arruela de borracha ou cortiça.

154 — *Vareta de lubrificação.* Na lubrificação do cano será empregada a vareta própria, móvel em um punho de madeira, graças a um cussinete de esferas, nas mesmas condições da vareta de limpeza. Ella é igualmente de aço, com o ressalto limitador, e em sua extremitade livre atarracha-se uma escova de fio de cabello.

155 — *Falso-ferrolho.* O falso-ferrolho, é um calço de madeira que substitue o ferrolho da arma na operação de limpeza interna do cano. Apoiado à superfície posterior do cano, e mantido fixo, por um entalhe, ao dente do retém, dispõe de um furo que o percorre longitudinalmente em correspondência com a abertura da culatra,

de modo a guiar e limitar o movimento da vareta, evitando-lhe o attrito sobre as paredes da alma. A fenda lateral recolhe-se o ejector.

156 — *Limpador de camara.* É um pequeno bastão de madeira, de forma conica apropriada à sua função. Numa distância de 6 a 7 cm. a partir da ponta, é recoberto de entalhes que facilitam o enrolamento de pano ou estopa com que se forma a bucha de limpeza.

157 — *Talas de madeira.* Na limpeza das partes, sobretudo da caixa da culatra, em que não baste o simples emprego da mão, appellar-se-á para o uso de pequenas talas de madeira ou ainda de limpadores auxiliares, no genero dos limpadores de camara. As talas podem igualmente servir para o oleamento das buchas.

158 — *Pinceis e almofolias.* Em numero variável e de diferentes tamanhos segundo as exigências do serviço, figuram como auxiliares da lubrificação.

159 — *Escovas.* Destinam-se a retirar o pó depositado na arma, trabalho preparatório das operações de limpeza. Devem ser de fio de cabelo, bastante flexiveis.

160 — *Substâncias.* As substâncias de limpeza comprehendem: pannos de linho ou algodão, lã ou flanella, estopa de canhamo e algodão e lubrificantes.

Os pannos destinam-se a auxiliar a retirada de sujeira ou poeira, enxugar ou friccionar as diferentes partes da arma; a estopa fornece as buchas de limpeza e lubrificação.

161 — Como lubrificante geral, será aplicado o *Ballistol*, preparado químico, pela natureza da composição e conjunto das propriedades, eminentemente apto para desempenhar esse mistério. Elle é isento de ácidos, não engrossa, nem produz depósitos, accommoda-se bem aos diferentes climas, inalterável às variações locaes, neutraliza o trabalho de corrosão dos resíduos da polvora e constitue o melhor preservativo contra a ferrugem que elle destrói igualmente. E ao mesmo tempo conservador da madeira da corona (\*).

##### § 6 — Regras gerais de limpeza

162 — A limpeza da arma é obrigatória sempre que dela se faz uso, principalmente depois de atirar. Se, acto continuo ao tiro, não for possível realisal-a, lubrificar-se-á provisoriamente o cano. A cada soldado será, para isso, distribuído um lubrificador de campanha (n. 180).

A lubrificação provisória do cano preserva-o da ferrugem e do ataque dos gases da polvora, e facilita a operação ulterior de limpeza, executada tão breve quanto possível.

163 — A limpeza da arma extende-se à remoção de sujeira, pó, humidade e, em alguns casos ferrugem de suas diversas partes, bem como à retirada de resíduos de polvora fortemente adhrentes às paredes da alma.

(\*) Com a recomendação do uso exclusivo do *Ballistol* como meio de conservação do armamento, não introduzimos nenhuma novidade. Abstraindo de numerosos documentos que justificam os motivos de preferência que aqui lhe damos, entre elles pareceres firmados por comissões militares estrangeiras, e das próprias experiências que nesse sentido intentamos, citaremos em abono do producto os excellentes resultados colhidos em mais de quatro annos de ininterrupto emprego com as armas em serviço em nossa Fábrica de Cartuchos e no Polígono do Realengo.

Segundo cremos, o estabelecimento manufacturador, a *Chemische Fabrik F. W. Klever* (Colonia), tem como representante no Rio de Janeiro a firma *Hermann Stoltz & Co.*

Ela será mais ou menos completa, segundo as circunstâncias, e executada em vista dos meios estabelecidos nas presentes Instruções, eliminando-se de uma vez por todas o recurso á lixa, pó de tijolo ou esmeril, e a instrumentos que não pannos de lã ou flanella, secos, para o polimento das peças.

164 — Ao regressar uma força ao quartel, proceder-se-á a uma vistoria geral das armas. A retirada do pó externamente depositado, com auxilio de escovas ou pannos bem enxutos, constituirá o trabalho preliminar. Examinar-se-á, em seguida, o interior do cano, da caixa da culatra e do deposito, bem como o ferrolho, préviamente retirado da arma, percorrendo tais partes com um pano secco ou estopa, antes de untal-as.

A eliminação do pó não deverá jamais ser feita por meio de sopro, por que isso favorece a oxydação.

165 — Se se houver atirado, a perfeita limpeza do cano, consecutiva á entrada em quartel, impõe-se como complemento á lubrificação provisória do campo de exercicio ou polygono de tiro.

166 — As armas que tenham permanecido expostas á chuva ou ao orvalho, serão submetidas a um tratamento tanto mais inadiável e severo, quanto durante esse tempo haja sido menos utilizado o guarda-fechos.

Desmontar-se-ão as diferentes peças (para a bandoleira basta alongal-a), e todas as partes da arma, interior do cano, principalmente, da caixa da culatra e do deposito, e peças desmontadas, serão bem enxutas por meio de repetidas fricções com pannos limpos ou estopa, e abundantemente lubrificadas.

Armas e peças separadas serão postas a secar em lugar não aquecido até sua final reunião.

167 — Sempre que se desmontarem as armas, para evitar confusão, ter-se-á o cuidado de manter separados, uns dos outros, os grupos de peças pertencentes ás diversas armas. O signal distintivo é o numero da arma, cujos dois ultimos algarismos pelo menos vêm estampados em cada peça (com excepção das molas).

168 — Para o bom desempenho das prescrições relativas á limpeza e observância das regras a seguir na desmontagem preparatoria e collocação final das peças, recommenda-se que á execução dos trabalhos assistam os officiaes, com a coadjuvação dos inferiores.

169 — Afóra os casos acima previstos, compete ao commandante da companhia, á vista do resultado de assíduas inspecções no armamento de seus homens, determinar a occasião em que deve elle ser limpo, especificando em cada caso e para cada arma, as peças cuja retirada ou desmontagem é necessaria.

### § 7 — Execução da limpeza

170 — *Cano.* A limpeza interna do cano reclama o maior cuidado, pois o mau estado de conservação do mesmo exerce mais influencia sobre a perda de qualidade da arma que o trabalho de um grande numero de tiros. Ela exige apenas um homem. Retiram-se o sobre-mira e a vareta e affrouxa-se a bandoleira, desprendendo-se-lhe o grampo. Fixa-se a arma ao torno, desembaraça-se a caixa da culatra, adapta-se o falso ferrolho e, para protegel-a do oleo, dispõe-se um pano sobre a coronha. Procede-se então ao pre-

paro da bucha, enrolando na extremidade da vareta um pouco de estopa de canhamo; ella deve envolver solidamente os entalhes, e de modo a não deixar nenhum descoberto. A primeira bucha não será oleada e haverá cuidado em não fazel-a muito comprida. Será ao contrario um pouco grossa para entrar com um certo forcamento e deve diminuir de espessura a partir de diante para traz.

O operador empunha a vareta com as duas mãos e, introduzindo-a pelo falso ferrolho, impelle-a vagarosamente para a frente até que o resalto a limite em seu avanço ou a bucha appareça na boca da arma. O movimento para traz será igualmente vagaroso. Dado o modo porque é organisada, ao mesmo tempo que é levada avante, a vareta gira sobre si mesma, tornando completa a penetração da bucha no interior das raias.

Sempre que a bucha appareça na boca da arma, examinar-se-á se ella está ou não suja, renovando-a uma ou mais vezes, conforme os casos. Cada bucha subsequente será ligeiramente lubrificada e, se ella não accusa traços de sujo, o cano está limpo e dá-se por finda a operação, passando-se em seguida á limpeza da camara, executada nas mesmas condições com o auxilio do limpador respectivo, ao qual se imprime um movimento favorável de rotação.

171 — Terminada a limpeza, procede-se á lubrificação, utilizando-se a vareta correspondente, com a escova embebida em oleo, e o limpador de camara com uma bucha perfeitamente limpa. Escova e bucha não devem conter excesso de oleo e serão passadas varias vezes no interior do cano, de modo a lhe cobrir a superficie de uma camada de espuma, característico da boa adherencia do lubrificante.

As armas serão assim conservadas até ulterior emprego no tiro, momento em que se lhes passará no cano um pano ou bucha secca.

172 — Para melhor comprovar o resultado da operação de limpeza, procede-se a um exame á vista no cano. Conservando-o a certa distancia do rosto, olha-se-lhe o interior, pela culatra e pela boca, approximando-o pouco a pouco. Para facilitar o exame, recommenda-se olhar um pouco obliquamente; em tal caso, ver-se-á apenas parte da parede interna, muito distintamente, porém, girando lentamente a arma, completar-se-á a prova.

173 — *Partes restantes da arma.* Para a limpeza das outras partes metalicas da arma, ahí comprehendidas o exterior do cano e o apparelho de pontaria, retira-se primeiramente o pó com auxilio de escovas e pannos limpos. Em algumas dellas, como o exterior da caixa da culatra e do deposito, a alça, maça de mira e o cano, basta friccionar com a mão um pano ou estopa de algodão ligeiramente embebida em oleo.

Retira-se a sujeira do interior da caixa do deposito, por meio de buchas ou pannos fixados a talas de madeira ou limpadores analogos aos da camara. Os mesmos instrumentos com as buchas substituidas ou ainda pinceis, permitem a lubrificação consecutiva.

Procede-se da mesma maneira quanto ás peças desmontadas do ferrolho. Importa que as cavidades do receptor-guia do cão, o furo do cylindro, o percussor e sua mola permaneçam constantemente limpos.

As superficies de atrito, alojamentos e corrediças dos travadores, corrediças do reforço do

cilindro e do resalto da noz, charneira e montantes da alça, pino do retém do ferrolho, bem como o dente do gatilho e a rosca da vareta, devem ser convenientemente lubrificadas. Sobre os parafusos derramar-se-ão algumas gottas de óleo.

174 — *Coronha e telha.* A eliminação de manchas de gorduras ou suor produzidas pelo contacto da mão, é vantajosamente feita com uma solução de 2 a 5 % de Ballistol em água.

Agita-se o líquido afim de favorecer a mistura, applicando-o com estopa de algodão. Fricciona-se em seguida energicamente com um pano de lã ou flanella bem seco e limpo, o que dá à madeira um bello polimento.

175 — *Bandoleira.* Para a conservação da bandoleira, ter-se-á o cuidado de refrescal-a de tempos a tempos com uma esponja ou estopa ligeiramente embebida na solução de Ballistol empregada para a coronha.

Quando fôr necessário restaurar o verniz, applicar-se-á a seguinte receita: extracto de pau campeche, 150 gr.; alumínio, 50 gr.; sulfato de cobre, 130 gr. Tomam-se as tres substâncias em um vaso contendo 200 gr. de água quente e adicionam-se pregos velhos ou pequenos pedaços de ferro oxydado.

Deixa-se a mistura repousar cerca de tres a quatro dias, e então cõa-se, transvasando-o para frascos fechados, em que é guardada. E' applicada a pincel.

176 — *Sabre punhal.* Serão aqui observadas as mesmas prescrições relativas ás diferentes partes metalicas da arma.

Quanto á parte de couro da bainha, a ella se applica o que foi dito para a conservação e envernizamento da bandoleira.

Quando na bainha entrar água, deve-se deixá-la pendurada de boca para baixo, em logar não aquecido, e com um calço ou falsa-lamina de madeira introduzida, como meio de preservá-la de deformação, ao seccar. Ter-se-á presente a mesma cautela por occasião de limpeza ou envernizamento.

As guarnições podem ser limpas com pomada commun de metal amarelo, e a madeira do punho como a da coronha.

177 — *Remoção de ferrugem.* Um começo de ferrugem no interior do cano é destruído por meio de repetidas limpezas, com o cuidado de manter a peça sempre lubrificada. A bucha empregada será, nesse caso, bastante grossa, afim de entrar com forte atrito.

Um desenvolvimento maior de ferrugem demanda a reprodução de taes provas durante dias consecutivos, até que no logar do ataque se apresente uma mancha escura e a bucha saia limpa.

Para as demais partes da arma, o processo de tratamento é analogo.

#### § 8 — Limpeza em campanha

178 — Em campanha ou em manobras, em todas as circunstâncias em que não fôr possível lançar mão dos recursos usuais (postos-avançados, patrulhas, bivaques, pausas de combate), far-se-á uso do cordel de limpeza e do lubrificador de campanha.

179 — O cordel de limpeza deverá ser de fibra de linho, bastante resistente, para não se partir no interior do cano. O comprimento regulará pouco mais ou menos 1<sup>m</sup>,50 e o diâmetro dos fios ou pernas, em numero de tres, 1<sup>m</sup>,20.

Para empregá-lo são necessários dois ho-

mens. Abrem-se os fios na parte média da peça, de modo a constituir um laço em que se prende e enrola uma bucha formada de pano ou estopa. A bucha não deverá ser grossa, afim de não provocar grande resistência e não dar logar a rompimentos. Retirado o ferrolho, e introduzido o cordel, os dois homens firmam a arma horizontalmente com a mão esquerda, um do lado da culatra, pelo delgado, o outro do lado da boca, entre a braçadeira superior e a inferior, e com a mão direita, estando as extremidades do cordel presas a dois pedaços de madeira, puxam alternadamente o cordel para si, colhendo-o pouco a pouco de modo a mantê-lo sempre tenso. O movimento deve ser lento e cauteloso, para não attritar a boca da arma, a abertura da culatra, o ejector e a ponte.

180 — *Lubrificador de campanha.* E' um pequeno estojo metálico com capacidade para 100 gr. de óleo. No interior do líquido mergulha uma escova de fio brando, presa á extremidade de um cordel que se enrola na parte interna superior do estojo. A outra extremidade do cordel tem suspensa uma bala ou peso alongado de chumbo, destinado a introduzir o no cano.

O estojo fecha-se por uma tampa cujo perfeito atarrachamento impede escapamentos de líquido, e pelo reduzido peso e volume, permite ao soldado transportá-lo comodamente na patrona.

181 — Só em ultimo caso, em falta absoluta de outro meio, é permitida a utilização de tres varetas atarrachadas para a limpeza do cano. A bucha será então disposta no rasgo da vareta superior, envolvendo-lhe bem a cabeça numa certa extensão, e o movimento começará de traz para diante, isto é, da culatra para a boca.

As mesmas precauções estabelecidas para o cordel no tocante ao attrito, devem ser aqui, e com mais forte razão, observadas.

#### § 9 — Limpeza extraordinaria

182 — Annualmente, fendo o periodo de manobras, realizar-se-á para todo o armamento uma limpeza extraordinaria. Ele será enviado aos arsenais ou officinas de reparações, para completa desmontagem em vista de um exame e limpeza integral de suas diferentes partes. Renovar-se-á ao mesmo tempo a lubrificação das partes occultas pela coronha ou com ella em contacto.

Nas armas que o necessitarem, a operação de limpeza coincidirá com a do desnickelamento dos canos ou retirada do deposito metálico que a camisa da bala deixa no interior das raias. O desnickelamento será executado com os mesmos apparelhos da limpeza ordinaria, salvo a diferença de empregar uma vareta munida de uma escova de fio de aço macio Bessemer.

(Continua).

**Para as victimas do Contestado.** O Sr. 1º Tenente Joaquim Francisco Duarte fez entrega a esta redacção da quantia de 40\$000, destinada ás famílias das victimas do Contestado e proveniente de uma quotisação entre officiaes.

— Para o mesmo fim recebemos do Sr. 1º Tenente Genserico de Vasconcellos a importâcia de 40\$000 proveniente do saldo do banquete oferecido a Olavo Bilac, e da extinta 1º Companhia de Infantaria (Rio Branco, Alto Acre) a quantia de 403\$500, proveniente de uma subscrição aberta entre officiaes, inferiores e praças daquella unidade.

## O cavallo de guerra

Do livro "Das Armeepferd" do general de cavallaria F. v. Damitz, ex-inspector da remonta prussiana.

Cesar e Tacito contam da habilidade e das façanhas dos povos germanicos cavalleiros, da resistencia de seus cavallos, não bonitos mas fortes. O maior renome era dos cavallos da Frisia e dos da Thuringia. O cavallo germanico tambem foi levado pelos anglo-saxões para a Inglaterra onde melhoraram o pequeno typo indigena.

Como se sabe, o cavallo tambem ocupava logar saliente no culto pagão dos Germanos. Nos bosques consagrados aos deuses elles mantinham como animaes sagrados cavallos distinctos no pello e na belleza das formas.

Sacrificavam-se cavallos aos deuses e comia-se sua carne nos festins sacrificiaes. Caveiras de cavallos pendiam dos carvalhos nos bosques sagrados e ornamentavam as habitações. Ainda hoje avisitam-se em muitas regiões — Oldenburgo, Hannover, Holstein, Westphalia, etc. — nas cumieiras das casas dos camponezes, cabeças de cavallo cruzadas, esculpidas em madeira.

Estendendo-se o christianismo pela Germania, como pela Europa em geral, os troços de cavalleiros que constituiam o sequito militar dos principes passaram a constituir uma cavallaria christã com o privilegio do serviço das armas, que por muitos seculos prestou o serviço de guerra com exclusão da população restante; dahi desenvolveu-se gradualmente uma criação de cavallos proprios para a guerra e para os torneios, que não se encontravam entre os cavallos communs de trabalho.

Carlos Magno creou coudelarias, fez percorrer o paiz por garanhões escolhidos, prohibiu a exportação de reproductores e estimulou o empenho de seus vassallos na criação particular. Effectivamente, pouco a pouco ella passou das mãos dos senhores feudais para as dos feudatarios.

Na edade média a criação do cavallo de guerra teve extraordinario impulso. Para as pesadas armaduras e a bruteza do modo de combater eram precisos cavallos fortes, pesados; com a descoberta da polvora e das armas de fogo mudou o

modo de combater. Agora eram necessarias as grandes massas de cavallaria ligeira, portanto cavallos mais leves. Essa criação aproveitou-se do sangue oriental introduzido pelos Mouros na Hespanha, propagado com a extensão do domínio hespanhol na Europa.

Na Alemanha todo o progresso attingido nesse terreno foi perdido com as devastações da guerra dos camponezes, das guerras da reforma, especialmente da dos 30 annos. Em muitas regiões ficou totalmente destruida a criação cavallar, como todas as culturas; deve-se principalmente aos principes allemaes o seu resurgimento. No seculo XVIII reapareceram muitas coudelarias nobres.

A instituição dos exercitos permanentes a partir do meio do seculo XVII deu novo impulso, notadamente no seculo XVIII, á criação de cavallos ligeiros e fortes. Mas ao lado dos cavallos fornecidos por certas regiões de criação particular adeantada, tinha-se que recorrer á importação, pois as coudelarias existentes, dos principes e da nobreza, tinham a principio, naturalmente por fim provêr apenas ás necessidades proprias.

Isso porém não diminuia sua significação para a criação de cavallos destinados ao exercito. Sendo contudo insuficientes para as necessidades, cada vez mais se accentuava a conveniencia de estender a sua accão ao ennobrecimento da criação particular e estimulal-a por todos os modos.

O primeiro passo nessa direcção foi o franqueamento dos reproductores das coudelarias reaes.

Com a mudança gradual da noção de propriedade estadoal e sua distinção, separação da propriedade pessoal dos chefes de estado, tambem se fez identica separação em matéria de coudelarias. As coudelarias reaes passaram a ser nacionaes e desenvolveu-se a criação cavallar nacional segundo as noções modernas, pondo-se a criação do cavallo nobre, como a do cavallo em geral, nas mãos dos habitantes em logar de confinada nos antigos fócos de criação privilegiados.

Para desenvolver a criação cavallar em geral, ou em determinadas direcções, os diversos paizes possuem varias instituições.

Onde precisa ser fomentada a criação do cavallo para o exercito, veem elles em seu auxilio.

Essas instituições consistem principalmente nos diversos órgãos e estabelecimentos para a aquisição e franqueamento de convenientes reproductores do Estado, na regulação e fiscalização da reprodução particular, na concessão de facilidades aos criadores para a aquisição de garanhões e egas de reprodução para a criação dos potros, e na subvenção e influxo dos variados concursos em matéria de hipología.

Em geral existem todas essas instituições simultaneamente; em alguns países, porém, nunca se quis (ou desistiu-se com o tempo) reproductores do Estado, decretando em compensação regulamentos de reprodução cavallar mais rigorosos; outros países o Estado, desiste quasi ou totalmente de influir na criação cavallar abandonando-a ao espírito emprehendedor e ao senso da população (Inglaterra, América do Norte, etc.).

Os estabelecimentos para a aquisição e o franqueamento de garanhões são as coudelarias, cuja organização é identica em todos os países e que são subordinados ao departamento da Agricultura.

Na Austria-Hungria as coudelarias tem pessoal militar subordinados ao ministerio da Guerra.

As coudelarias são principaes, ou de criação, ou centraes, onde são mantidos garanhões, egas e potros; e coudelarias filiaes, também chamadas depositos de reproductores, onde o Estado põe os garanhões á disposição dos criadores. As coudelarias centraes também satisfazem a essa função.

A origem e o desenvolvimento das coudelarias dos diversos países relativamente á historia da sua industria criadora cavallar são diferentes.

Nuns foram elas fundadas existindo já uma criação desenvolvida, outros foram elas o ponto de partida dessa industria, como por exemplo na Prussia. É evidente a extraordinaria importancia que tem as coudelarias sobre a criação nacional, mórmica no segundo caso.

Como já se disse, o Estado só cultiva a criação como fim proprio nas coudelarias centraes, principaes ou de criação: para produzir garanhões destinados ás coudelarias filiaes, e garanhões e egas reproductoras para o proprio funcionamento.

Em geral não existe mais a produção

directa de cavalos para o exercito, como sucedia nas antigas coudelarias reaes, precursoras das modernas coudelarias nacionaes. Há alguns decennios ainda havia na Austria-Hungria essa produção nas chamadas coudelarias militares, hoje transformadas em depositos de remonta ou em coudelarias filiaes, ou centraes. Só na Russia e na Turquia ainda existem tales coudelarias militares.

Em consequencia da produção de reproductores e da garantia da descendencia, as coudelarias de criação constituem estabelecimentos eminentemente aptos a tornar constante a orientação da produção, de acordo com os interesses do paiz e das diversas esferas de criação. São as verdadeiras fontes para o ennobrecimento da criação nacional, mesmo no sentido de receberem periodicamente o puro-sangue necessário á renovação do meio-sangue, absorvendo-o na sua criação e transmittindo-o pelos nobres garanhões franqueados nas coudelarias filiaes. Isto tem especial importancia nos países pobres de puro-sangue, e onde os particulares pouco se dedicam á sua criação.

A Prussia possue cinco coudelarias centraes: *Trakehnen*, na Prussia Oriental, o tronco do afamado meio-sangue dessa província, fundada em 1732 como coudelaria real; *Graditz*, na província Saxonia, fundada em 1872, servindo tambem á criação do puro-sangue; *Beberbeck*, a conde *Frederico-Guilherme* (Neustadt a. Dosse) e *Georgenburg*.

A influencia directa sobre a criação cavallar nacional é exercida pelos depositos de garanhões (coudelarias filiaes) onde todos os annos são franqueados os garanhões desde fins de Janeiro.

Elles são distribuidos d'ahi em "estações de cobertura", localisadas em pontos facilmente accessíveis aos criadores, onde ficam em função até o começo do verão. Em regra cada província tem seu deposito de garanhões, algumas mais de um. Assim a Prussia possue 18, dos quais 4 na Prussia Oriental, 2 em cada uma das províncias Prussia Occidental, Posen e Silesia, 1 em cada uma das 8 outras províncias. Em vista do avultado numero de garanhões necessarios não bastam os fornecidos pelas coudelarias centraes; elles completam-se por compra no proprio paiz e dos puro-sangue no estrangeiro. Assim dos 3.400 garanhões existentes nos depo-

sitos prussianos, dos quaes são 100 puro-sangue, 2.500 meio-sangue, 800 sangue-frio, renova-se annualmente cerca de 1/10, e dessa fracção sómente 1/4 é fornecido pelas coudelarias centraes, os restantes 3/4 adquiridos por compra.

Os garanhões pertencem aos seguintes typos: typo leve de montaria, typo pesado de montaria e tracção, typo pesado de tracção, typo pesado de lavrador. E' um dos aspectos mais importantes das funcções da administração d'uma coudelaria attender, na dotação dos depositos de garanhões e das estações de cobertura, ás proporções das diversas especies de criação da província e dos municipios, bem como, por outro lado, ás necessidades do exercito, como tambem da agricultura e da industria.

Na Prussia existe nesse sentido, ha cerca de 20 annos, uma nitida distincção entre as províncias que criam especialmente o meio-sangue destinado ao exercito, e as outras de criação variada; aquellas chamam-se "províncias de remonta" e são a Prussia Oriental, a Occidental, Posen e Hannover. Nessas províncias só são franequados garanhões proprios á criação da remonta do exercito e tambem os outros meios do Estado para fomentar a criação são applicados nesse sentido. Para a conservação da pureza da producção e para seu desenvolvimento, especialmente nessas províncias de remonta, tiveram a maxima influencia a referida distincção, verdadeira separação, o reconhecimento da importancia fundamental da descendencia e a consequente adopção geral dos attestados de cobertura e de filiação e dos registros de egas.

Para a utilisação dos garanhões do Estado paga o criador uma "taxa de cobertura" que obedece a uma tabella de accordo com o sangue e mais qualidades do garanhão. Essa taxa não pretende chegar para cobrir as despezas da manutenção da instituição, mas pela sua variação a administração da coudelaria pôde regular a procura dos diversos garanhões.

A Baviera possue 2 coudelarias centraes, e 5 filiaes com 500 garanhões, a Saxonia 1 com 100 garanhões, o Würtemberg 1 com 120 garanhões, o Grão-ducado de Mecklenburg-Schwerin uma com 140 e o de Mckl. Strelitz uma com 25 garanhões.

(Continua)

## PUBLICAÇÕES DO MINISTÉRIO DA GUERRA

A VENDA NO DEPARTAMENTO CENTRAL

(Aviso n. 1 de 11 de Janeiro de 1916)

Preço Porte e  
registro

Regulamento geral dos diversos serviços 1916 (1 volume).....	\$300	\$240
Complemento do regulamento de Tiro para Artilharia de Campanha (1916).....	\$500	\$260

Para a aquisição destas publicações, os interessados nesta Capital, deverão se dirigir á 3<sup>a</sup> Divisão do Departamento Central, ao Capitão intendente; os de fóra desta Capital deverão endereçar os pedidos ao Chefe do Departamento, acompanhados da importancia da publicação e de seu porte e registro.

Capitão Intendente *Antonio Monteiro Meirelles*.

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

*Memorial del Ejército de Chile*, cadernos II e III, anno XI, 1916.

*Boletim do Estado Maior do Exercito*, ns. 2 e 3, anno XI, 1916.

*O Atirador*, n. 1, anno II, 1916 — Ceará.

*Revista Marítima Brazileira*, n. 5—6 e 7, anno XXXV, 1915.

*A Estancia*, n. 34, anno III, 1915 — Porto Alegre.

*Revista dos Militares*, ns. 67, 68 e 69, anno VI, 1916 — Porto Alegre.

*Memorial de Infantaria*, numero de Janeiro de 1916, — Madrid.

*Archivos do Museu Nacional*, vol. XVIII — 1916.

*Boletim del Ministerio de Guerra y Marina*, numero de Janeiro de 1916 — Perú.

## EXPEDIENTE

Com este numero distribuimos as 19<sup>a</sup> e 20<sup>a</sup> *Cartas de Griepenkerl*.<sup>1</sup>

\*

De ora em diante as assignaturas começarão em qualquer época, mas terminarão sempre em março ou setembro, ficando assim os semestres e annos de assignatura coincidindo com os semestres e annos de vida da revista.

\*

Os extravios causados por falta de comunicação opportuna das mudanças de endereço correm por conta do assignante.

# Representantes da "A Defeza Nacional"

«O grupo mantenedor da *A Defeza Nacional* reconhece em seus representantes junto aos corpos de tropa, repartições e estabelecimentos militares, merito equivalente ao de seus collaboradores litterarios e o caracter de verdadeiros propagandistas da causa deste orgão, synthetisada em seu titulo.» (Art. 1 da Circular n. 6, de 24-5-915.)

## No Rio de Janeiro

M. G. — 1.º Tte E. Leitão de Carvalho.  
Gr. E. M. — 1.º Tte Arnaldo D. Vieira.  
D. G. — Cap. J. A. Coelho Ramalho.  
G. 2 — Cap. M. H. da Costa Santos.  
G. 4 — 1.º Tte A. C. Pitta.  
D. A. — Coronel Príncipe.  
3.º D. — 2.º Tte Columbano Pereira.  
IV R. — 1.º Tte A. G. de Souza Mendes.  
4.º Br. C. — 1.º Tte O. Villa Bella e Silva.  
5.º Br. I. — 1.º Tte Jucá.  
6.º Br. I. — Cap. Barros Barreto.  
Br. Pol. — 1.º Tte M. Castro Ayres.  
1º R. I. — 1.º Tte J. F. Jucá.  
2º R. I. — 1º Tte Octaviano Gonçalves.  
3º R. I. — Cap. Dr. Alves Cerqueira.  
52º Cap. — 1.º Tte Maciel da Costa.  
55º Cap. — 2.º Tte Granville B. de Lima.  
56º Cap. — 1.º Tte Corbiniano Cardoso.  
58º Cap. — Coronel Estillac Leal.  
1º Cia. Metr. — 2º Tte Newton Cavalcanti.

1º R. Cav. — Capitão Jeronymo Furtado.  
13º R. Cav. — 2º Tte Simas Encá.  
1º E. Trem — Aspirante Manoel A. C. Batalha.  
1º R. A. — 1.º Tte Manoel de B. Lins.  
20º G. Art. —  
1º Bat. Art. — 1º Tte Manoel M. Ribeiro.  
2º Bat. Art. — 1º Tte Octaviano Leão.  
3º G. Ob. — 2.º Tte Raul de Vasconcellos.  
Copacabana — 1.º Tte F. J. Pinto.  
1º Bat. Eng. — Tte Procopio de Souza Pinto.  
E. M. — Realengo, Aspirante J. Teixeira Marques.  
Alumno Thimotheo F. Machado.  
E. E. M. — P. Verm., 1.º Tte Eloy de S. Medeiros.  
Coll. M. — 2.º Tte Q. de Castro e Silva.  
2.º Tte Maximiliano Fonseca (interino)  
Fabr. Realengo — 1.º Tte Freire de Vasconcellos.  
Direct. Material Bellico — 1.º Tte Mario Berlink.  
Arsenal — Major João Borges Fortes.  
Fort. da Lage — Major Heitor Coelho Borges.  
Direc. de Eng. — Cap. José Ribeiro Gomes.

## Fóra do Rio de Janeiro

47º Cap. — Belém, 2º Tte José de Oliveira Pimentel.  
48º Cap. — 1º Tte Costa Santos.  
50º Cap. — Bahia, 2.º Tte Leal de Menezes.  
53º Cap. — Lorena, Capitão F. Vasconcellos.  
5º R. Cav. — S. Luiz, Tte Cel. Leovigildo Paiva.  
11º R. Cav. — Bagé, 1º Tte L. Almada Rodrigues.  
15º R. Cav. — 2º Tte Raul Vieira da Cunha.  
Coll. Barbacena — 1º Tte José Martins de Arruda.  
Coll. P. Alegre — 1.º Tte Vicente da Fonseca.  
3.º Gabriel — 1.º Tte Glycerio Gerpe.  
VI Reg. — Capitão O. G. de Senna Braga.

VII Reg. — 1.º Tte Amaro Villa Nova.  
43º B. Cap. — Ipanema, Capitão Evandro E. S. Lima.  
6º B. Art. — Bahia, Tte Cel. Pimenta.  
5º G. Ob. — R. Grande, 1º Tte J. Eraldes de Oliveira  
16º Grupo — 2º Tte A. Carneiro Pinto.  
18º Grupo — Bagé, 1º Tte Salvador Obino.  
Fabr. de Piquete — 1.º Tte Antônio R. de Rezende  
Fabr. Estrela — Major J. Cândido Muricy  
10º R. I. — 2.º Tte Alcebiades Alves de Almeida.  
Com. da Carta — Cap. J. C. Toledo Bordini.

**O** PAGAMENTO das assignaturas é adiantado e deve ser effectuado ao mais tardar no seu segundo mez. Os recibos são expedidos adiantadamente com o ultimo numero da assignatura. Pagamentos a qualquer representante ou a qualquer dos mantenedores ou á Papelaria Macedo, Rua da Quitanda, 74. Semestre, 5\$000; Anno, 10\$000.

CAIXA POSTAL 1602